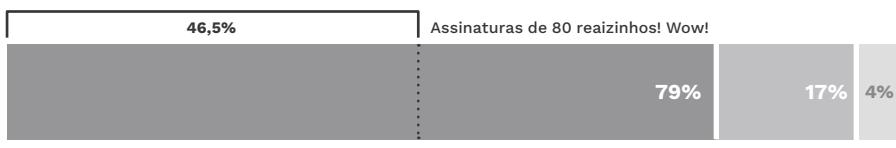




RelevO

Junho de 2026
número 10, ano 16
ISSN 2525-2704

Periódico literário independente
feito em Curitiba-PR desde
setembro de 2010

**DOS CUSTOS DA VIDA****RECEITA BRUTA****ASSINATURAS** ● **R\$ 8.960**

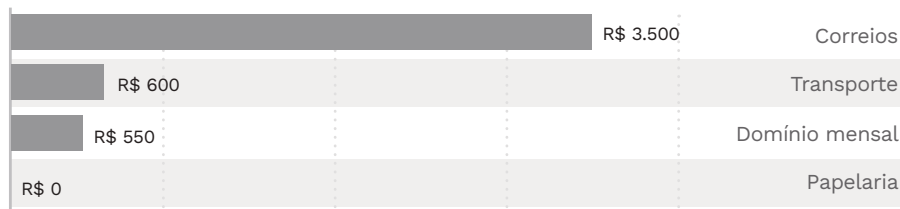
R\$ 70 Edson Gallo; Eliza Pizzaia; **R\$ 80** Giovanna Gigi; Renan Barros; Kelem Tavares; João Thomaz Londres; Raquel Pereira Rodrigues Leite; Bruno Durieux; Jonathan Nascimento; Jean Marcel Carvalho França; Jhenifer Gonçalves Duarte; Elizandra Sabino Marques; Matheus Pferl; Wladimir Clari; Marilene Mendes; Fernando Maatz; Maria Fernanda Maglio; Marianna Barros Cabral; Raul Paiva; Felipe Aníbal; Vanderlei Teixeira Cardoso; Edson Godinho; Vinicius Maurer; Bruna Lauer; Thaís Cunha; Leonardo Triandopolis Vieira; Banca Modular; George França; Isoany Machado; Marina Pilato; Karol Biavatti; Daniel Barbieri; Mateus Netzel; Eunicelli Marie de Araujo; João Alexandre; Bettina Carvalho; Charles Paixão; Iara Amaral; Rafael Sica; Ialos Frühstück; Camila Prando; Fiori Ferrari; Giovanni Nobile; Ewerton Martins Ribeiro; Patrick Fontanella; Sidney Abel; William Sbizera Saab; Eduardo Pereira de Souza; Jéfte Amorim; Afonso Gonçalves; Felipe Dalke; Rodrigo Vaz; Márcio Abecê; Edson Aran; Juarez Cognato; Diego Antonelli; Hugo Giuzzi Senhorini; André Nunes; José Castro; Erick Lopes; Alexandra Vieira de Almeida; Andressa Ledur; Angelo Cardoso Sá; Gustavo Henrique Nogueira Camargo; Ivan Ivanovick; Ariel Boaz Costa e Silva; Lara Denise Góes da Costa; Juliana Maffeis; Josimar Silva; **R\$ 100** Simone Nunes; Casa Eliseu Voronkoff; Maurem Kayna; Rômulo Cardoso; **R\$ 120** Sandra Stroparo; Matheus Nagão; Rogério; Rodrigo Domit; Larissa Olsen; Murilo Vercka; **R\$ 160** Enio Vermelho Jr.; Raquel Duarte de Freitas; Cleverson Bravo; Paula Zarth Padilha; Paulo Rubens Lacerda; Rafael Maieiro; Thomaz Ramalho; Maurício Simionato; Igor Shimabukuro; Fabiano Faga; Henry Capelossi; Melissa Schaikoski; **R\$ 180** Priscila Branco; **R\$ 240** Giselle Chapanski.

ANUNCIANTES ● **R\$ 1.870**

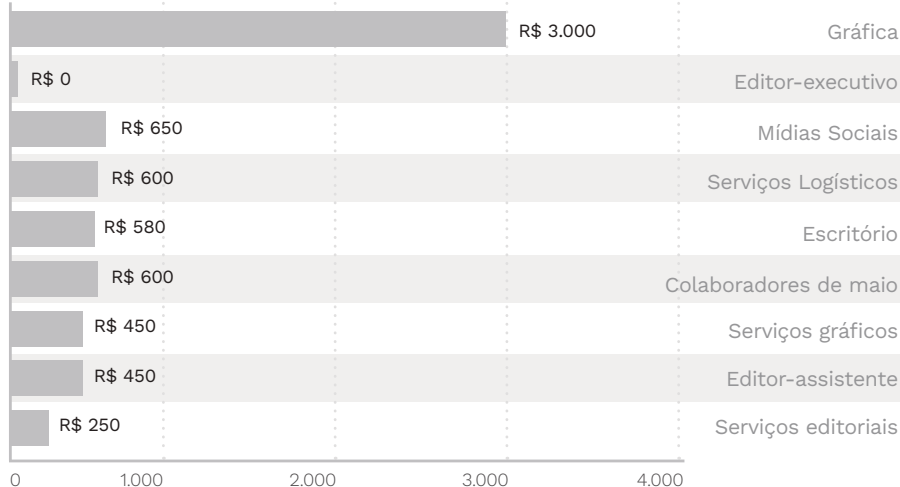
R\$ 50 Rede Macuco; **R\$ 70** Luiz Gustavo Vicente de Sá; **R\$ 100** Museu do Livro Esquecido; **R\$ 200** Editora Litteralux; Hecho por Cami; Luis Felipe Mayorga; **R\$ 450** Maniacs; **R\$ 600** Silas Corrêa Leite.

CONSULTORIAS ● **R\$ 500****DESPESAS DO MÊS**

CUSTOS ADMINISTRATIVOS E VARIÁVEIS



CUSTOS FIXOS



❓ **COLOQUEI UM NÚMERO ERRADO ALI DE PROPÓSITO PRA VER SE TEM ALGUÉM PRESTANDO ATENÇÃO NESTA PÁGINA**

⊕ Entradas totais: R\$ 11.330
 ⊖ Saídas totais: R\$ 11.318
 = Resultado operacional: R\$ 12

**EXPEDIENTE****Junho 2026**

Editor Daniel Zanella
 Editor-assistente Mateus Ribeirete
 Ombudsman Priscila Branco
 Revisão Às vezes
 Projeto gráfico Bolívar Escobar
 Logística Damaris Pedro
 Advogado Rafael Estorilio
 Impressão Gráfica Exceuni
 Tiragem 5.000

NESTA EDIÇÃO

Daniel Zanella *p.6* Rafael Gloria *p.8*
 Theodora de Castro *p.10* Yolanda Bedregal
 (Trad. Xavier Vásquez Freire) *p.16* Juliana
 Maffeis *p.18* Patrícia Ferraz *p.19* João
 Alexandre *p.20* Marília Lila *p.22* Wallace
 Stevens (Trad. Rodrigo Garcia Lopes) *contracapa*

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
 Rafael Estorilio
 Celso Martini
 Rômulo Cardoso
 Felipe Harmata
 Amanda Vital
 Whisner Fraga
 Fernanda Dante
 Nuno Rau

Edição finalizada em 25 de maio de 2026.

**DAS OBRAS**

As ilustrações da edição são de Edson Godinho e Caio Beltrão. Você pode conhecer mais do trabalho deles em edsongodinho.com e caibeltrao.me.

TIPOGRAFIA

A fonte usada para os títulos desta edição é a Larken, um projeto da tipógrafa britânica Ellen Luff.

ASSINE / ANUNCIE

O **Relevo** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes



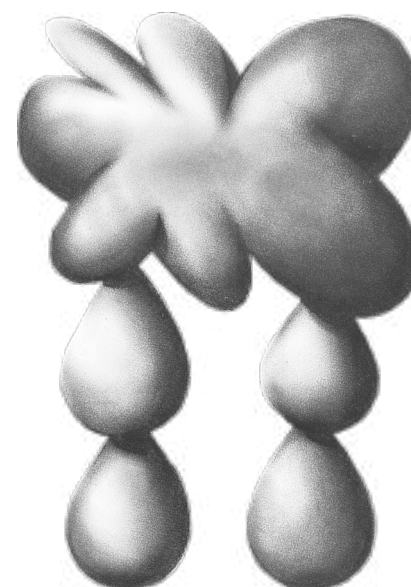
e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

PUBLIQUE

O **Relevo** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **Relevo** recebe ilustrações. O **Relevo** recebe fotografias. O **Relevo** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama *Enclave* e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.





CARTAS

PEDIDO DE CASAMENTO

Rebeca Scheifer · Jornal! Meu Jornal! Olha só, sou eu de novo para falar sobre o meu namorado... ops, noivo! Queria te contar que estou noiva do loiro nada ortodoxo de quem te falei da última vez. Mas o que você tem a ver com isso? Acredite, você estava lá! Fui pedida em casamento dentro da Biblioteca Pública do Paraná, em Curitiba, em um cantinho que não incomodou ninguém, onde o meu noivo se ajoelhou e abriu uma caixinha encapada com Jornal. Isso! Você cuidou do anel mais lindo do mundo! Você acredita que foi ele quem fez o anel e a caixinha? Disse que o metal era teimoso igual a mim. Enfim, foi a melhor maneira de comemorar um aniversário de namoro; rimos e choramos. Obrigada por ser nossa testemunha e peço desculpas pelo “sacrifício” hahaha

NO VARAL, JORNAIS

Pedro Anselmo Carvalho Neto · E aí, de 12 bilhões os Correios receberam um aporte. Mas eles ligam pra minha sorte? Não... Jornais atrasados. Atrasados demais. Jornais colocados no vão do portão. Piso molhado, jornais encharcados. Em vão. Coloco no varal meus jornais. Espero, apreensivo, que sequem. Sem danos colaterais. Sinceramente, esse é ul-traje que não pretendo passar. Aguardemos, um pouco, pra ver se os Correios a casa colocam em ordem. Algo capital eles já têm. Aporte.

Camila Prando · Adoro receber o jornal impresso aqui em casa. Parabéns demais por este trabalho. É muito bonito (e acidamente bem-humorado!). Um abraço!

Sophia da Livraria Ponta de Lança · Ei, pessoal! Muito prazer! Adoro muito o trabalho de vocês, virei grande fã, em especial das Cartas, que me divertem muito. Um grande abraço!

Teresa Silva · Oi, Jornal, tudo bem com vocês? Estou sumida por ocupações diversas e porque os correios não me entregam mais nem o **RelevO** e nem o *Rascunho* (desde fevereiro): estão boicotando os jornais de literatura de Curitiba. Li a edição de março porque peguei na Livraria Folha Seca, aqui do Rio de Janeiro. Gostei muito do conto de Flávia Figueiredo, “Éramos todos pés-de-boi”. Quero compartilhar com colegas servidores públicos esse panorama do nosso cotidiano com um toque de realismo fantástico. O conto realmente é ótimo. Espero que meus colegas gostem. Entendo que o impresso é um espaço livre de algoritmo, de notificações e de anúncios. O atraso dos correios está horrível: aliás, foi hoje cedo saindo de casa que chegaram as edições de março e de abril. A de maio só Deus sabe quando receberei.

EDIÇÕES ESPECIAIS

Luis Felipe Mayorga · Toda vez que a vida cede à insistência e começa a oferecer algum tipo de estabilidade e segurança ao *publisher*, ele dribla essa safada ao criar um novo problema, por natureza, desnecessário.

RELEVO BUSINESS

Allan Mills · Saudações, Estou entrando em contato para discutir um projeto de investimento. Represento um cliente interessado em investir no Brasil. Fornecerei mais informações assim que receber sua resposta.

Da redação: Que misterioso... Aguardamos ansiosamente mais informações. Até o momento, o projeto parece ser uma oportunidade imperdível para vocês de perder dinheiro internacionalmente.

LATITUDES

Sandra Acosta · O **RelevO** faz um trabalho incrível de compilar os principais prêmios, feiras e oportunidades do mês no universo literário. Imperdível.

Paula Zarth Padilha · É a melhor forma de ter acesso a um jornal impresso, que valoriza o texto escrito, e justamente em tempos que o que a gente mais escuta é que “ninguém lê”.

Paulo Rubens Lacerda · Esta publicação heroica mantém a tradição do papel na comunicação.

Giovanna Gigi · Bom dia! Conheci vocês porque herdei umas edições antigas duma amiga há uns anos e, desde então, volta e meia passo no Substack para me atualizar (adoro como elas agem no meu humor), aí enfim, animadinha que agora vou receber umas edições fresquinhas lá por casa.

Alice Guimarães · Queridíssimos, como estão? Estou mandando este e-mail para informá-los que meu jornal não tem chegado. Esperei um pouco para ver se seria um atraso momentâneo, como já aconteceu, mas até agora nada. Estou bolada, porque gosto de lê-los, mas imagino que o problema seja dos Correios e não de vocês. Caso algo possa ser feito, agradeço desde já.

UPDATE

Alice Guimarães · Bom dia, queridos! Desculpem a demora para responder, mas meus jornais chegaram! Agradeço muito pela presteza em reenviar. Mas tenho que relatar: coisa de uma semana depois dos jornais terem chegado, os envelopes empacados nos correios vieram também. Agora estou me sentindo culpada e pensando: “se tivesse esperado mais uma semana...”. Enfim, da próxima vez, farei exatamente isso :) Obrigada mais uma vez.

Afonso Gonçalves · Fiz uma nova assinatura do **RelevO** porque é um jornal literário essencial, parte de minha vida.

Fabiano Faga · Eu apoiei seu trabalho... Não sei por quê! Há alguns anos que estou tentando descobrir o porquê, o motivo. Quando eu descobrir, quiçá te conte.

Karol Biavatti · Mais um ano juntes desse jornal! :)

BANCOS E SOLAVANCOS

Henrique Urtado · Aos bancos e solavancos vou levando a vida tentando não ficar de canto, mas de manhã é inevitável pulo e canto, sorriso e dança. Gosto de juntar edições do **RelevO** e ler todas de uma vez, as notas deixadas pelos internautas aos cantos das páginas iniciais, acho uma eloquência notável. Algum dia colocarei minhas palavras aqui para aqueles que tiverem um singelo momento e ler... Adianto que podem ser promessas de amor.

Luiz Horacio · Bom dia. Parabéns pela luta, desejo que não esmoreça jamais.

Kácio Evangelista · Olá! Espero que estejam bem! Deparei-me recentemente com um e-mail do Substack do **RelevO**, informando que minha inscrição havia expirado. Ignorei-O por alguns dias até começar a ler minha edição de janeiro de 2026 (sim, estou bem atrasado na minha leitura do jornal, vida de professor). Iria ignorar esse aviso até o começo do próximo mês, mas, ao ler no rodapé da página 4 o dilema que envolvia salvar ou não a Toninha, não pude ignorar mais e fui verificar se minha assinatura, feita pelo Mercado Pago, havia mesmo terminado, pois me recordava de ter feito o Pix bem no começo do ano. Agora me resta a dúvida: estou ou não com minha assinatura expirada? Ou esse aviso se referia apenas às newsletters do jornal que chegam por e-mail? No mais, aguardarei a resposta, lendo e pensando se a Toninha virará outro gato de Schrödinger.

Juliana Paiva · Eu amo um jornal.

E COMO VAI A OMBUDSWOMAN?

Raphael Cerqueira Silva · Muito importante a sugestão da ombudsman reiterada na edição de abril (que chegou na metade de maio aqui em casa). Uma miniobio não vai mal. Eu, muitas vezes, quis saber mais sobre os autores que publicaram no **RelevO**, mas só pesquisando o nome no Instagram não encontrei.

Aline Cardoso · Concordo com essa ombudswoman maravilhosa, também amo a versão física de jornais, livros e revistas 🍷

Sebo Grimm Haus · Nem tudo precisa ser digital pra continuar relevante. Na GrimmHaus, você também encontra o **RelevO**, um projeto independente que mantém viva a força do impresso, da leitura com calma e das ideias que circulam de mão em mão. Um respiro no meio da pressa. Passe por aqui, pegue o seu exemplar e apoie o independente.

Heliberton Cesca · Ninguém lê o **RelevO**. Mas te convido a integrar a comunidade de assinantes que não lêem. Pode ser divertido. Cometi a heresia de ler e gargalhei. Como é incomum isso de ler e gargalhar, resolvi postar para não esquecer o quão arriscado é ler.

Teca Fernandes · Esse Jornal é maravilhoso! Preciso voltar a assinar!

Bianca Manfrin · impresso >>>>


 **APOIADORES**

BANCA TATUÍ

bancatatu.com.br / Desenho por Ângela León

você tem
 um livro de poesia?
 nós temos
 seus leitores
 envie seu email para
 contato@faziapoesia.com.br
 e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia


DITOS & ESCRITOS
 leilamariaflesch.com

 Em dúvida sobre suas
 próximas férias?

 Visite a Pension Pötters
 em Essen, na Alemanha!

 **EDITORIAL**

Um dia vem o fim comum

“Um dia vem o fim comum a todos os mortais”
 Sófocles (497-406 a.C.) em *Electra*.

*

“O homem morre tantas vezes, quantas vezes perde os seus”,
 Siro (séc. I a.C.), em *Sentenças*.

*

“Estamos condenados à morte nós e nossas obras”,
 Horácio (65-8 a.C.), em *Arte Poética*.

*

“Como são loucos os mortais!”
 William Shakespeare (1564-1616), em *Sonho de uma Noite de Verão*

*

“O que chamais morrer é acabar de morrer, e o que chamais nascer é
 começar a morrer, e o que chamais viver é morrer vivendo”,
 Quevedo (1606-1684), em *Os Sonhos*.

*

“Morre-se apenas uma vez, e é por tanto tempo!”
 Molière (1622-1673), em *O Despeito Amoroso*.

*

“Não tenhas medo. Morrer / Não custa nada, é viver. / Custa menos
 que se pensa. / Morre o corpo, a alma abre asa / E vai: é mudar de
 casa.”

António Nobre (1867-1900), em *Despedidas*.

*

“A consciência da morte é inevitável, constante, a cada segundo. Não
 é se conformar. É aceitar: ela vai vir. Ninguém é eterno. Portanto
 [mãos para cima], espera um pouquinho, espera mesmo, viu?”,
 Fernanda Montenegro (1929).

*

“Te batizar de novo. / Te nomear num trançado de teias / E ao invés de
 Morte / Te chamar / Insana / Fulva / Feixe de flautas / Calha / Candeia /
 Palma, por que não? / Te recriar nuns arco-íris / Da alma, nuns possíveis
 / Construir teu nome / E cantar teus nomes perecíveis / Palha / Corça /
 Nula / Praia / Por que não?”

Hilda Hilst (1930-2004), em *Da morte. Odes mínimas*.

“Eu sou muito queijeiro”,
 Sérgio Luiz Zanella (1957-2026). ®



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com



Por uma poética do deslocamento

Priscila Branco

Editar e organizar a edição de um jornal de literatura pode, à primeira vista, parecer uma tarefa fácil, mas na verdade é complicada e hercúlea por diversas razões. Não entrarei em uma defesa da classe trabalhadora editorial nesse momento (apesar de achar que, sim, devemos nos unir internacionalmente e tomar o poder sempre que pudermos, nem que seja por meio de práticas independentes), mas é preciso dizer que, seja intencional ou inconscientemente, sempre me deparo com uma linha curatorial coerente e interessante no RelevO.

A edição de maio já me surpreende com as ilustrações, que, de certa forma, adiantam a história das escolhas do mês: por meio de deslocamentos do óbvio, o artista Rodrigo muda o foco do nosso olhar para as coisas que costumam estar em segundo plano. Essa tática nos permite observar as miudezas que estão mais invisibilizadas em uma paisagem, dando também poder à própria imagem que nos retorna a observação: o fóssil gigantesco em destaque na capa, o felino maior do que a linha do trem, uma cratera imensa que poderia ser um minúsculo buraco.

Essa escolha poética de representar a movimentação e a sacudida do olhar segue nos textos. Com ironia e bom humor, Diogo Santiago (que, agora com as

minibios, sei que se deslocou de meu país Pernambuco para a França) critica a linguagem chata e enfadonha da academia e dos cultos. A linguagem também tende a ser secundarizada, quando pensamos uma pesquisa ou um tratado filosófico. Aqui, ela é tratada como pilar principal.

Kelem Tavares também nos desloca da pressa para a calma, com a metáfora do café, que conversa com todos os brasileiros. Além de ser o símbolo da energia e do trabalho duro, ele tem o seu lado B: o do ritual, da pausa e da observação. Não só isso, é o contato com o outro que gera esse deslocar-se, nos trazendo uma reflexão sobre a importância da alteridade no dia a dia (ou não, pode ser só um café instagramável).

Os poemas de Max Sacramento Martins brincam com os movimentos do natural ao humano, do divino ao mundano. Ao deslocar, com erotismo, os ritmos poéticos para lugares de prazer, dessacraliza a poesia e nos reconecta com a natureza e sua pulsação vital, sempre tensionada com a finitude.

Sem falar nas traduções que, por si só, já são a própria representação de um deslocamento. Um tradutor é um segundo autor de um texto. Um autor um pouco capenga e irritado às vezes; em outras, até mais genial que a própria autoria original. Falar em tradução é já falar de um outro lugar de

criação, de um deslocar-se entre países e entre centenas de anos. Um tradutor é o guardião de passados e um motorista um pouco desgovernado.

O RelevO começou a edição passada com chave de ouro, quando o editorial trouxe para o debate a descentralização logística e o desejo de alcançar novos leitores em outras paisagens. Isso já fala sobre uma poética, mais do que isso, sobre uma política do deslocamento. Como leitora e admiradora do jornal (e agora como uma pequena farpa no pé do editor), é com alegria que vejo a postura editorial se expandir para comportamentos atitudinais no mundo, extrapolando as páginas do impresso. São escolhas sobre o modo de circulação e de abertura de portas em nosso país.

Para deslocar-se, seja para o bem ou para o mal, é preciso movimento e coragem, duas características que o RelevO tem de sobra (dessa vez foram só elogios, viu, editorial? Mas vejamos as cenas dos próximos capítulos!).

*

Observação: não estou na Xuxa, mas gostaria de mandar um beijo para Constância Lima Duarte, assinante deste Jornal. Constância, sou sua fã! Você é uma das pesquisadoras mais incríveis de nosso país. Beijo!



Ao interperlar uma amiga a respeito de seus quatro pares de sapatos, o Sr. Keuner, da obra de Bertold Brecht, recebe como resposta: “eu tenho quatro tipos de pés”.

Assim como nossos pés percorrem diversos caminhos e necessitam utilizar adequados pares de calçados, os poemas de *Quatro pares de sapatos*, ao esquadriharem os cômodos da casa, as ruas, os campos e as veredas da memória, fazem uso de diferentes tipos de olhares. Nos “lugares comuns”, o cotidiano aparece com suas contradições — o calor insuportável do verão, as manias, as coleções de objetos inúteis, o homem-placa que atravessa a cidade.

Quatro pares de sapatos

Luiz Gustavo de Sá
R\$ 56 (100 páginas)

7letras.com.br/livro/quatro-pares-de-sapatos/

Littera Lux
www.editorialitteralux.com.br

+ de 1.700 títulos publicados desde 2012

Quer publicar com a gente?
Escreva para:
originals@editorialitteralux.com.br

BONS VENTOS trazem BOAS LEITURAS

EDITORA BONAVENTOS.COM.BR

#BONSVENTOS

por Cami
HECHO

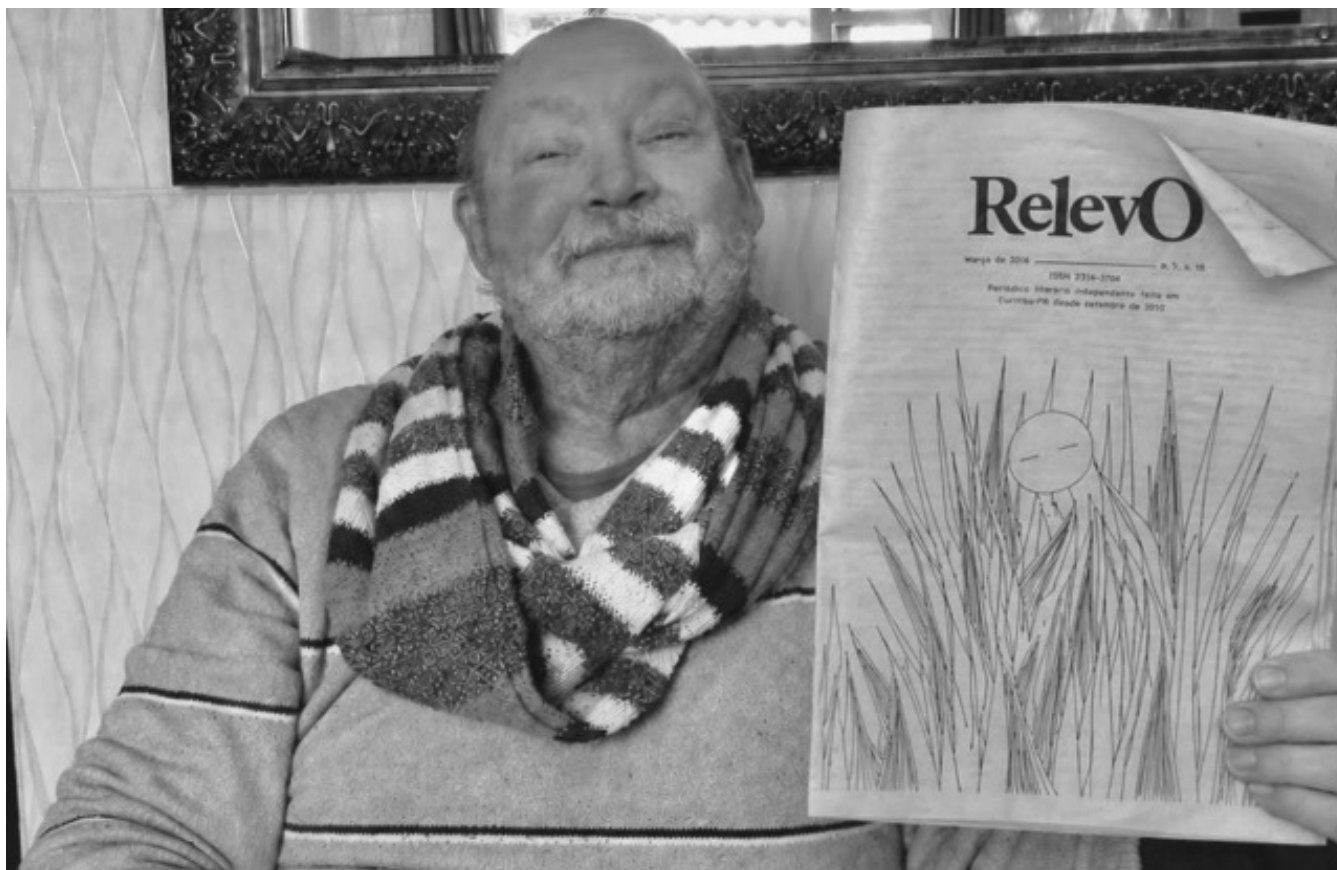
Somos um ateliê de cerâmica artesanal em Curitiba, com produção própria de peças para venda à pronta entrega (na loja física e site) e também de peças personalizadas sob encomenda. Oferecemos aulas regulares e oficinas pontuais de cerâmica. O nosso espaço em si é super gostoso, vale a visita inclusive aos curiosos.

Estamos na Alameda Presidente Taunay, 681, Batel, em Curitiba

hechoporcami.com | @hechoporcami



Sérgio Luiz Zanella (1957–2026)



Em novembro de 2003, saí de Joinville sem nenhuma perspectiva profissional. Voltava a morar com meus pais depois de dois anos de uma experiência esportiva local fracassada. Ali acabava a minha “carreira” como jogador de futsal: eu tinha 18 anos e apenas o Ensino Médio. Precisava ganhar a vida, ter um ofício. Meu pai trabalhava no departamento comercial do jornal *O Popular do Paraná*, que, na época, só se chamava *O Popular*, cujo *publisher*, Weberson Carlos, era mais conhecido como Carlão. Meu pai também fazia a distribuição da edição semanal, toda sexta-feira cedo. Logo, meu pai, o Seu Sérgio, me chamou para ajudá-lo com a distribuição – uns 50 pontos na cidade, 30 reais por dia. Aceitei e era o que tinha. Assim, de 30 em 30, fiquei sete anos distribuindo

jornais. Meu pai era daqueles pais antigos, mais de gestos que de palavras, às vezes excessivamente emotivo, quase canastrão; em outras situações, distante, alheio, algo entre o indócil e o bonachão. Ria e xingava bem. O dicionário afetivo dele era trabalhar, dirigir, emprestar cartão de crédito, ser útil. Tornei-me jornalista. E eu, ego frágil em busca de um caminho, sempre me perguntava se ele tinha orgulho de mim. “Olha esse bagre no ataque desse time, não sabe nem chutar, você faria esse gol”.

Em mais de 15 anos de Jornal, devo ter pegado dinheiro emprestado dele mais de uma centena de vezes. Era preciso cobrir a gráfica, fazer um cheque para a papelaria, dar uma entrada para pagar o conserto do carro que quebrou a caminho dos Correios. Também fui observando sua derrocada física, cada

vez menos elétrico – logo ele, que gostava muito de política e futebol –, e tendíamos a concordar mais em relação ao segundo ponto, torcedor do Joinville que era. “Vanderlei Luxemburgo acabou com o JEC”. A derrocada de sua saúde coincidiu com a perda de energia para discutir.

Na pandemia, ficou em casa e respeitou a quarentena. Vi a admiração dele pelo então presidente decair muito, o que auxiliou a nossa convivência. É estranho falar assim, mas tenho saudades da quarentena, dos encontros de domingo, das cervejas novas que experimentamos, dos almoços à base de receitas da Ana Maria Braga, os cortes diferentes de carne escolhidos com parcimônia no melhor açougue da região. Foi o auge da nossa família, o que coincidiu com (ou acarretou) uma aproximação maior

do meu pai em relação ao RelevO. Era ele, então, quem fazia as etiquetas, quem preenchia a planilha de endereço dos autores recusados, quem fechava os maletes com a minha mãe, quem ligava aos pontos na pós-pandemia, sondando o retorno dos envios mensais temporariamente suspensos. Em meio a tudo isso, perguntava se eu tinha visto o grande jogo da Champions da semana ou alguma série nova que estava maratonando. Era admirador de *Breaking Bad*, *O Homem do Castelo Alto* e de *Peaky Blinders*, que nunca vi, mas pretendo romper a resistência como homenagem tardia a ele.

A partir de 2023, a saúde dele deteriorou semana a semana. De repente, a coluna arquejou. De repente, não saía mais do carro para fazer compras. De repente, não conseguia mais dirigir. Diante da escolha de fazer uma cirurgia de coluna com chances consideráveis de o deixar paraplégico, resolveu não operar. Caiu várias vezes – diabetes, hematomas por todo o corpo, dificuldades de cicatrização. A primeira vez que o vi com o andador, saindo do quarto para a cozinha, tive que me levantar da cadeira e correr à garagem para ele não me ver chorar. De repente, a cadeira de rodas, dores para ficar sentado, o computador deixado de lado; não mais Creedence, não mais “Cavalgada das Valquírias”, então a cama como leito: os gemidos sutis, a depressão de décadas ainda mais aguda, a perda gradual da lucidez, o desinteresse pelas pequenas distrações habituais. Em alguns momentos, ainda conseguia enxergar um pouco de sua satisfação ao ver a família reunida no domingo, um elogio sincero a um prato, a nova admiração pela cerveja zero, liberada diante dos 17 remédios regulares.

Então, veio a parada cardíaca um pouco antes das 18h de segunda-feira, 27 de abril. Tudo muito rápido, meu cunhado e a enfermeira tentando reanimá-lo, a chegada do SIATE. Em menos de 20



Daniel Zanella

min, a certidão de óbito. Curiosamente, alguns minutos depois da edição de maio do Jornal ir para a gráfica. Ainda almoçamos juntos no dia anterior, e marcou-me profundamente a dificuldade de usar os garfos. Minha mãe conta que ele deixou de responder a uma pergunta da enfermeira, a respiração foi ficando fraquinha, fraquinha, até parar nas linhas do médico: causas naturais. Conforta-me pensar que possa ter morrido sem dor, algo raro em seus últimos anos de vida, um lento apagar de luzes rumo ao Descanso Inominado. Nos instantes finais do velório, após a homenagem do grupo de estudos espíritas que ele frequentava, pensei se eu tinha algo a dizer. Não consegui. O que é perder um pai pela primeira e última vez? O que sou dele em mim? Onde estaria hoje se não tivesse ido trabalhar com ele naquela manhã de sexta de novembro de 2003, descendo pela porta do passageiro para levar os jornais na Banca da Aracy?

Meu pai teve erros e acertos, canduras e irritações, manias e virtudes como todo ser humano, e não raramente ouço: “você é igualzinho ao seu pai...”. Pode ser que uns lamentem mais, outros lamentem menos... e se o Seu Sérgio tivesse feito diferente naquela situação da doença de minha avó? Precisava abrir uma fábrica de lajotas, Seu Sérgio...? Tenho sido acometido pela sua presença em momentos inesperados da minha nova vida sem pai: ao atravessar uma rua, ao olhar para o teto antes de dormir, ao dirigir pelo Contorno Sul. Assim, penso que algo nunca mudará: Sérgio Luiz Zanella, nascido em 27 de julho de 1957 e falecido em 27 de abril de 2026, nunca deixará de ser meu pai. Deixa esposa de um casamento de 43 anos, dois filhos e uma neta. Onde quer que você esteja, pai, que esteja sem dor.



Daniel Zanella (1985) nasceu e mora em Curitiba. É *publisher* do Relevo.





Meu avô impossível

A primeira vez que eu vi alguém morto foi o meu avô. Ele infartou em casa e entrou em coma no hospital. Ficou um pouco mais de uma semana assim e não resistiu. Acho que fui o único da família a não visitá-lo. Quando ele faleceu, não sei o porquê, resolvi ir junto para reconhecer o corpo. Meu avô não parecia ele, e sim uma espécie de boneco inchado, o rosto deformado. Sensação semelhante eu tive mais tarde, no velório, quando ele já estava “arrumado”, maquiado no caixão. Quase um estranho. Em algum momento da cerimônia trouxeram a boina que ele costumava usar, de cor cinzenta, já bem gasta pelo tempo. Foi apenas nessa hora que eu realmente me emocionei, como se aquela peça abrisse uma caixa de lembranças. A partir daquele objeto eu o reconhecia novamente. Mas por muito tempo fiquei pensando: por que eu só chorei quando depositaram a boina junto ao corpo do meu avô no caixão?

*

É 2023, estou em Campinas a trabalho. Em um fim de semana vamos para a capital a fim de visitar a 35ª Bienal de São Paulo, um grande pavilhão em que é preciso passar de dois a três dias para ver com zelo necessário. Não temos esse tempo todo. Mas me demoro em uma instalação gigante com vários retratos de pessoas quilombolas, abaixo deles, fones de ouvido. É preciso atenção para ouvir todas essas histórias. A oralidade é muito importante para essas comunidades, é um dos modos como seus saberes são construídos e repassados. No meu fazer jornalístico, costumeiramente estou com as vozes das fontes na cabeça quando estou no processo de escrever uma reportagem ou um perfil. Mas a maior parte do tempo escuto com cuidado mesmo o que elas estão falando? No outro lado do pavilhão, vejo uma nova instalação e uma frase me atinge: “Um evento sem um poema é um evento que nunca aconteceu”, provérbio Amazigh,

de um conjunto de povos indígenas do norte da África, que habitam a região há mais de 6.000 anos. Essa mesma montagem trazia um mural com uma placa convidando as pessoas a sentarem e conversarem.

*

Por muito tempo fiquei pensando que devia alguma coisa à memória do meu avô. Nós morávamos no mesmo terreno, em casas diferentes. Crescemos muitos próximos, mas nunca tivemos uma grande intimidade. Me sobrou compreender a questão da boina. Comecei a investigar e escrever minhas lembranças sobre ele. Passei a entender aquele objeto como um vestígio que o representava. Se fosse escrever um perfil sobre o meu avô, ela poderia ser uma peça fundamental, talvez um fio condutor de uma possível descrição. Mas também poderia ser um traço de outro tempo, da época que ele viveu, quando ele era mais jovem. Não o conheci assim. O passado realmente nunca vai embora, porque o tempo psicológico é diferente do tempo cronológico, este é ditado pelas horas inventadas pela humanidade para dar algum sentido também narrativo ao que vivemos; aquele não, pois trabalha a um nível muito maior de intensidade, de marcas. Meu avô era uma pessoa de outra época, cujos marcadores continuam por aqui também.

*

Nas danças, coreografias e diversas expressões artísticas e sociais, o tempo assume, na obra da pesquisadora e escritora Leda Maria Martins, um caráter reversível. Em vez de seguir apenas em linha reta, ele também se movimenta por “voltejos” e espirais, termos recorrentes em sua reflexão. A autora conceitua o tempo espiralar como uma temporalidade que avança e retorna ao mesmo tempo, preservando o passado dentro do presente. Nesse entendimento, passado e futuro não têm fronteiras rígidas ou definitivas. Essa

percepção de um tempo marcado por dobras e retornos permite ir além da lógica linear de causa e consequência, que compreende o presente apenas como resultado direto de acontecimentos passados. Assisti a uma apresentação da Velha Guarda da Mangueira, em Porto Alegre, durante o festival Unimúsica. Uma das canções apresentadas chamava-se “Meninos da Mangueira” e tem uma letra que vai assim: “E onde é que se junta o passado, o futuro e o presente?/ Onde o samba é permanente, na Mangueira, minha gente”.

*

Lembro do meu avô sentado no degrau em frente ao portão de casa. Parado, às vezes passava horas lá, observando o movimento da rua, veja só, uma rua sem saída. Mas, quando penso nele agora, o que volta é o modo como cortava a bergamota. Ele apoiava a fruta na palma da mão, girava um pouco, escolhendo por onde começar. A faca vinha depois, sem pressa, entrando de leve na casca, deslizando. A lâmina corria rente à pele alaranjada bronzeada. Meu avô não atravessava a fruta de uma vez, ia contornando, desenhando a circunferência com paciência, como quem entalha madeira. A casca cedia aos poucos, abrindo-se em duas metades quase perfeitas. Então vinham os dedos. Grossos, já marcados pelo tempo, mas surpreendentemente delicados. Ele mergulhava nos gomos, e ia pinçando as sementes uma a uma. E as lançava ali mesmo na calçada. Não importava o tempo, o clima, o dia da semana. Depois do almoço, lá estava ele. Sempre.

*

Gosto muito de fragmentos, textos curtos, aforismos. Alguns deles têm me marcado nas minhas últimas leituras, como este de Leonard Woolf: “Se quisermos tentar registrar uma vida com fidelidade, devemos procurar incluir nesse registro algo da descontinuidade desordenada que a torna tão absurda,

Museu do Livro Esquecido

Museu e gabinete de leitura para a história do livro



“O Triunfo da Vaidade: Matias Aires e suas Reflexões”,
exposição de 28 de junho de 2025 a junho de 2026.
Matias Aires, Typografia Rollandiana e gravuras em edições raras
para refletir sobre a vaidade e o fim da vida.
Biblioteca disponível para pesquisa.

Rua Santa Luzia, 31, S6/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030

(11) 91853-6231

musedolivrequecido@gmail.com



UM ATELIER DE COMUNICAÇÃO

No Espaço de Ideias Clarice & Machado, a comunicação é artesanal. Produzimos conteúdo singular – do texto com alma à estratégia de podcasts. Comunicação com sensibilidade e eficácia para quem busca autenticidade em um mundo artificial.



(41) 99993-4141

Venha nos conhecer:

www.espacodeideias.com.br

ESPAÇO DE IDEIAS
CLARICE & MACHADO

Affife Mansur, 565 - CWB/PR - Novo Mundo
Na cidade universitária Santa Cruz Centro Universitário





Rafael Gloria

imprevisível, suportável”. E este também de Walter Benjamin: “O trabalho em uma boa prosa tem três degraus: um musical, em que ela é composta, um arquitetônico, em que ela é construída, e, enfim, um têxtil, em que ela é tecida”.

*

Lembrei-me daquele texto clássico do Pierre Bourdieu, a “Ilusão Biográfica”. Quando o li me dei conta o quanto estamos acostumados a pensar a vida como uma sequência de acontecimentos que fazem sentido, como se existisse uma linha que liga o começo ao fim. Mas Bourdieu aponta que essa coerência não está na vida em si, ela é produzida quando a gente narra. É nessa procura da lógica entre quem conta e quem escreve ou registra que essa estrutura ocorre, mesmo quando a vida, na prática, é feita de rupturas, desvios e discontinuidades. Bourdieu também questiona a própria ideia de identidade como algo estável. A gente costuma pensar o indivíduo como uma unidade contínua, mas, na realidade, ele é atravessado por diferentes experiências, ocupa posições distintas ao longo do tempo e se transforma conforme os contextos. Por isso, ele propõe deslocar o olhar. Em vez de pensar a vida como uma história, ele sugere entendê-la como uma trajetória não apenas no sentido narrativo, mas como uma série de posições ocupadas por um indivíduo dentro de um espaço social.

*

Muitas vezes, quando estou no processo de escrever sobre alguém, fico pensando se é realmente possível conhecer uma pessoa ou o contexto social em que ela está inserida. Na verdade, nem penso mais nisso, porque é óbvio que nunca se conhece alguém ou um lugar por completo. Agora é mais algo do tipo: a forma como eu vou narrar uma parte da trajetória dessa pessoa é justa com ela? Ou deveria ser justa com a visão que tenho dela? Posso escrever que meu avô cortava a bergamota de tal modo, mesmo não lembrando desse detalhe exatamente? Como posso dizer que ele tinha dedos delicados se passou muitos anos trabalhando como linotipista no jornal *Diário de Notícias* e depois no *Correio do Povo* na primeira metade do século 20 em Porto Alegre? Profissão extinta da área gráfica e que precedeu os diagramadores atuais, a linotipia revolucionou a imprensa no final do século 19, porque permitiu que os jornais e livros fossem produzidos em uma velocidade muito mais rápida. Esses profissionais operavam uma máquina de teclados para fundir linhas de metal prontas, agilizando o processo. Era um trabalho muito técnico e que envolvia o manuseio

de chumbo fundido formando os textos que iam para o papel. Por ser considerado um trabalho insalubre na época, sempre me contaram que meu avô acabou aposentado cedo, com 40 e poucos anos. Por isso sempre lembro dele em casa, com as bergamotas e os jornais, guardando todos os recibos das contas que pagava em uma caixinha, gritando que eu ia me “pisar” quando estava correndo no pátio.

*

- Talvez a forma mais justa de falar sobre meu avô seja me afastar e apenas o descrever em formato de lista:
- Jantava e dormia muito cedo, também acordava muito cedo
- Teve um Fusca de cor verde, e seu último carro foi um Fiat Uno cinzento
- Fumou por muito tempo durante a sua vida, mas parou quando o médico deu um ultimato
- Gostava muito de doce, estava sempre com uma balinha no bolso
- Usava sandálias no verão, no inverno usava sandálias com meias
- Tinha os olhos esverdeados e a barriga protuberante
- Adorava assistir ao desenho animado do Pica-Pau
- De vez em quando usava suspensórios
- Gostava de conversar com todo mundo
- Ganhou um prêmio alto na loteria uma vez, daí conseguiu comprar um terreno na praia de Arroio Teixeira
- Tocava violão na juventude e volta e meia o ouvia cantar sambas-canções antigos
- Nasceu em 9 de dezembro de 1929
- Teve três filhos, seis netos, 1 bisneto em vida
- Morreu em 12 de outubro de 2012

*

Carlos Cachaça, o menestrel Mestre Cartola, o bacharel Seu delegado, um dançarino, Faz coisas que aprendeu Com Marcelino

*E a velha-guarda Se une aos meninos lá na passarela
Abram alas que vem ela A Manguieira toda bela*

O trabalho complexo de Leda Maria Martins vem de outras formas de ver o mundo, das cosmologias negras e também dos povos originários, em que o tempo não é uma linha que se rompe. Penso que isso ajuda a entender por que certas memórias não passam ou por que certos gestos permanecem. Há algo no corpo que guarda, mesmo quando a gente não sabe exatamente o quê, como se a experiência não se encerrasse no momento em que acontece, mas

seguisse reverberando, sendo retomada, reencenada de outras formas. Quando a Estação Primeira de Mangueira canta “Os Meninos da Mangueira”, essa ideia aparece: “E onde é que se junta o passado, o futuro e o presente?”. A pergunta não é apenas poética. Ela aponta para um lugar específico, mas também para um modo de existir. O samba, nesse caso, não conta uma história passada. Ele constantemente atualiza conhecimentos. Faz com que essas figuras, como Carlos Cachaça, Cartola, a velha guarda continuem presentes, atuantes, atravessando agora as novas gerações da Escola de Samba.

*

No fim, penso que eu deveria começar a investigar o começo, ou seja, o que me levou a querer refletir sobre o meu avô. Sempre fui mais próximo de minha avó na vida, tenho mais lembranças dela. Não sei. Talvez porque ele ainda represente algum mistério, algo que me dá prazer em ficar adivinhando ou investigando sobre. E porque eu também veja assim, de certa forma, o ato de escrever. A graça é apontar possíveis caminhos que só eu poderia tomar. Talvez.

*

Lá está o seu Octávio nos altos dos seus 70 anos assistindo desenhos animados em frente à televisão da sala de sua casa em uma manhã de inverno. Dedi-lhando a bergamota sobre a mesa, espera ansioso pela chegada de seu personagem favorito. Esse desenho lembra um pouco da sua infância, uma vez que foi criado ainda na década de 1940 e, apesar de só ter se popularizado no Brasil nos anos 1980, há algo do humor daquele primeiro Pica-Pau biruta que o faz rir tanto que acaba chamando atenção da sua família. O personagem surgiu com uma personalidade quase anárquica, marcado por um riso estridente e atitudes imprevisíveis, funcionando como um verdadeiro agente do caos. Depois, em suas versões posteriores foram suavizando os seus traços e um pouco do seu comportamento. Otávio preferia o original. Quando fazia alguma de suas picardias, ele quase deixava cair a boina de tanto rir. Mas era uma risada tão intensa e contagiante que todo mundo já sabia que o pica-pau estava passando na televisão. E, então, quando seus netos estavam por perto, se juntavam a ele para assistir aquele pássaro vermelho fazendo bizarrices. Um pica-pau biruta em technicolor.

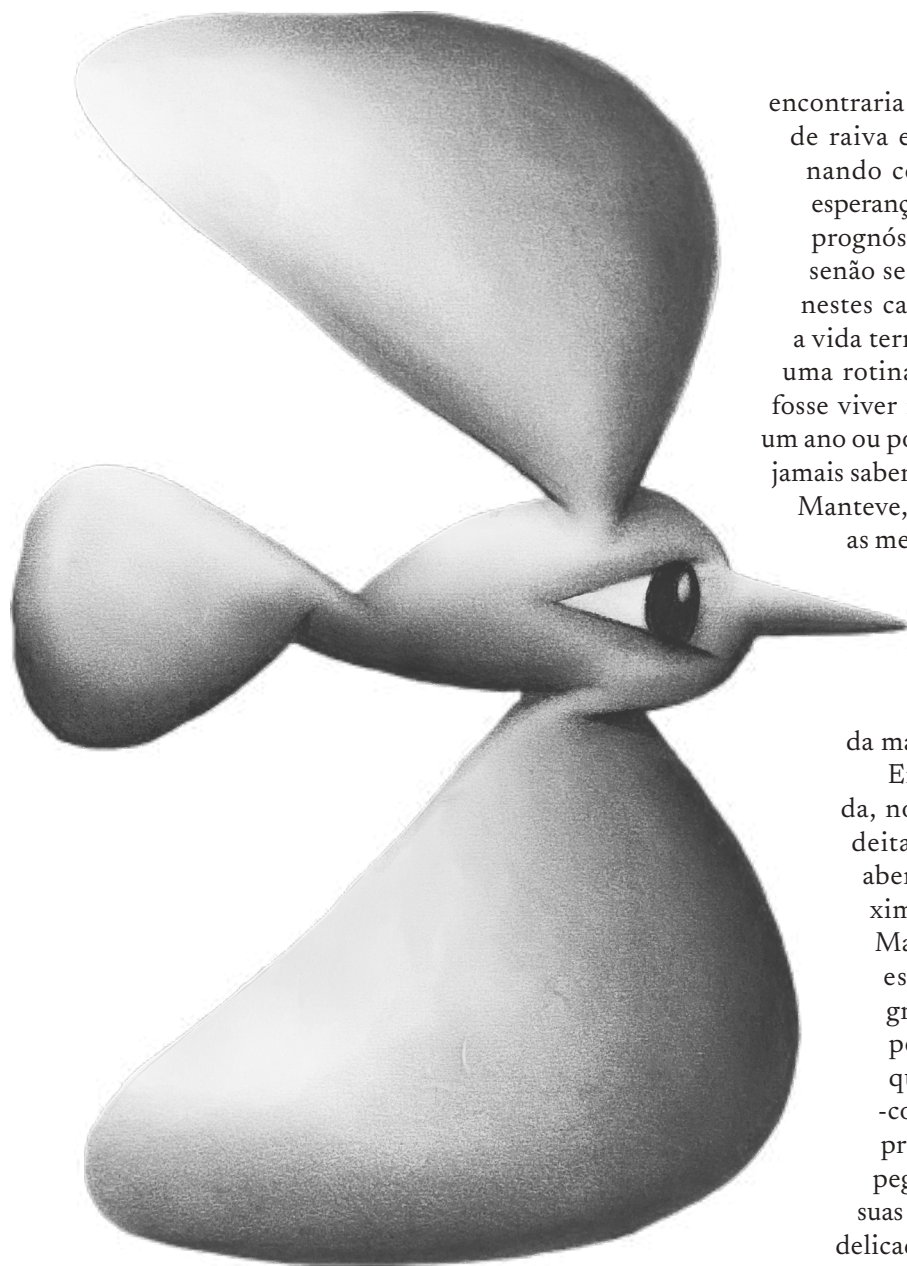


Rafael Gloria (1988) nasceu e mora em Porto Alegre (RS).



Passarinho

Theodora de Castro



encontraria um grande amor. Teve acessos de raiva e negação, deprimiu-se, alternando com momentos repentinos de esperança. Com o tempo e o pessimismo prognóstico, não teve uma alternativa senão se resignar. O diagnóstico, se há nestes casos, é saber entender quando a vida termina. Então optou por manter uma rotina diária similar a que teria se fosse viver mais 20 anos. Se tivesse mais um ano ou pouco meses, não faria diferença, jamais saberia. A diferença estava em saber.

Manteve, portanto, seus dias repetindo as mesmas atividades que faria independentemente do tempo que teria. Caminhava, reparava nos detalhes minimamente construídos pela natureza e respirava aquele ar gelado da manhã.

Em um destes dias de caminhada, notou um pequeno passarinho deitado no chão. Estava de olhos abertos, e ele hesitou em se aproximar, achando que o assustaria. Mas o passarinho não se mexeu, estava morto. Ali, deitado na grama úmida, sozinho, azul, com pequenas nuances esverdeadas, que lhe dava um tipo de furta-cor brilhantado quando o sol se projetava para cima dele. Decidiu pegar aquele pequeno pássaro em suas mãos, acariciando sua penugem delicadamente. “Morreu como passarinho?”, pensou.

Ao contrário dele, sabia que iria morrer com antecedência. O passarinho não sabia. Simplesmente um dia acabou e ali ficou naquele gramado, de olhos abertos, como se tivesse sido pego de surpresa. Nunca soube que iria morrer, nunca soube o que era a morte, não pensou sobre ela. Não pediu que lhe prolongassem seu tempo. Caiu da árvore e pronto. “Morreu feliz?”, refletia. Mas o que seria a felicidade para um passarinho? Se pudesse refletir sobre isso, quem sabe obteria alguns momentos de serenidade na sua curta jornada de vida. O passarinho deve ter nascido em um ninho improvisado. Ali, sem muito conforto e dependente de sua mãe-passarinha,

aguardava o alimento trazido diariamente por ela e colocado especificamente na sua boca. Escolha não havia. Era tudo o que tinha. Dalí, a pouco tempo, começaria a aprender a voar. Cairia alguma vez no chão, tentando imitar sua mãe, além do risco de ser pego por predadores. Mas quanto a isso também não havia escolha. A cadeia alimentar era cruel e ele estava em seus últimos degraus. Muitos predadores, portanto. Risco diário, vigilância a todo momento. Aprendera então a voar e se esconder debaixo dos arbustos. Quando achava algo para comer, voava rapidamente com o alimento no bico. Não podia se dar ao luxo de comer no local. Ali poderia ser o lugar onde seria pego. Deliciar-se com uma nova iguaria, somente escondido. E bem escondido.

Devia sentir prazer em voar. Ou não. Às vezes saltava, dava pulinhos em vez de bater as asas. Tinha opções neste caso, mesmo correndo o risco de ser pego. Piava e cantava em horários específicos. Comunicava-se com outros passarinhos e aves, que respondiam de volta. Em determinados horários, geralmente no fim do dia, uma sinfonia se formava. Devia gostar disso. Talvez este fosse o auge do seu dia, a comunicação com outros iguais. Contudo, à noite não podia descansar totalmente. Refugiava-se entre as folhas na esperança de sobreviver por mais um dia. O tal instinto não permitia que relaxasse completamente de um dia recheado de revoadas. Mantinha-se alerta, também boa parte da noite. Mas a manhã anunciava algo melhor. Preparava-se para novamente caçar seus pequenos tesouros alimentares, quando algo lhe abateu. Não foi outro pássaro. Não foi um pequeno marsupial. Não morreu daquilo que mais temia ou daquilo que o fez sempre tentar se proteger. Simplesmente se foi, sem aviso.

Caminhava diariamente sobre aquele gramado molhado. Às seis da manhã, o Sol ainda não havia nascido no inverno e caminhar naquele frio respirando o ar puro era um dos poucos prazeres que ainda lhe tocavam o coração. Meses antes, havia sido diagnosticado com a incurabilidade de uma doença. Inicialmente, se desesperou. Negociou sua vida com promessas terrenas que eram importantes apenas para ele. Rogou aos céus que lhe dessem mais tempo. Pediu menos dor. Chorou por tudo o que não poderia vivenciar. Não experimentaria esportes radicais. Não viajaria pelo mundo. Não



Theodora de Castro (1979) é escritora. Nasceu em Niterói e mora atualmente no Rio de Janeiro (RJ).



Silas Corrêa Leite é professor de Geografia, especialista em educação pela Universidade Mackenzie, pós-graduado em Literatura na Comunicação (ECA-USP), pesquisador e bolsista em Culturas Juvenis pela FAPESP-USP, onde foi vencedor do Primeiro Salão Nacional de Causos de Pescadores. Diplomado Conselheiro em Direitos Humanos, consta em várias antologias literárias. É autor do primeiro livro interativo da rede mundial de computadores, o ebook *O RINOCERONTE DE CLARICE*.

Acesse, compre, divulgue, surpreenda-se. Divirta-se.
www.silascorrealeite.com

No Romance *Porto Garcia*, tendo como subtítulo uma frase de sucesso de MPB de Roberta Miranda, de novo, Silas Corrêa Leite surpreende e soa histórias de uma utopia bem macunaímica feita uma secreta colônia de imigrantes ao sul do Equador.

Por vezes, um homem precisa dum pretexto para partir, para se tornar um viajante, para quem terras estranhas e separação são sua herança. Existem muitas formas de partida, muitas formas de viagem, e muitas estradas. Entre outras, esta foi uma oportunidade de conseguir um passaporte para a descida. Uma oportunidade para largar tudo, fazer-se à estrada, e tentar escrever um livro [...]. (GULLANDER, 2007)

O Brasil foi pródigo em receber imigrantes exóticos, teve suas colônias, utopias de uma nova gente do Velho Continente que, em diáspora ou não, também visava fazer a América. Pois esse romance agrega, num romance raiz ou romance-rio, uma colônia secreta perto dos campos gerais do Paraná, um lugar feito paraíso tropical, onde se tenta fugir de um mundo conturbado, para um recanto em que se plantando tudo dá, tipo Pasárgada, Shangri-lá, Neverland, Terra Prometida... Nárnia, Jerusalém terrestre...

O autor, depois de um romance sobre um guri deficiente físico, barqueiro noturno do Rio Itararé; depois de outro sobre um bebê especial na barriga da poderosa mãe contando como é; depois de um dizendo do homem rico que, se sentido infeliz em tanta luta para ser vencedor em terra de dementes, que larga tudo e vai morar na selva; depois de, ao final de mais de 40 livros, o blogueiro premiado, professor premiado e escritor premiado volta ao berço e, feito folhetim mavioso e bucólico, trama o enredo mavioso de Porto Garcia, com subtítulo “Num quarto escuro de meu ego sem respostas”. *Porto Garcia* bucólico e picaresco sapeca fogo na canjica; acontecimentos surreais e patacoadas do arco da velha. Em Porto Garcia, há muitas barulhezas, contentices e epifanias. Leia de vento em popa. A utopia não pode esperar.

Porto Garcia tem um fluxo de histórias intermitentes, meio macunaímico, meio malazártico. Umberto Eco disse: “Lemos romances porque nos dão a confortável sensação de viver em mundos nos quais a noção de verdade é indiscutível, enquanto o mundo real parece um lugar mais traiçoeiro”.

E-mails do autor:
poesilas@terra.com.br
poesilas@gmail.com

Para adquirir este livro em pré-lançamento, acesse:

caravanagrupoeitorial.com/livros/porto-garcia-no-quarto-escuro-de-meu-ego-sem-respostas/



Manual de Morte Digna

Instruções do RelevO para proteger a morte de palhaçarias da tecnologia

Foi-se o tempo em que a maior preocupação daqueles que reprovaram na catequese era evitar que o tio chato discursasse no enterro. Hoje, o mundo está *on*, o mundo está hiperconectado, o mundo está entupido de anúncios até o nosso cu triplicar de tamanho. E até o seu enterro – o nosso enterro – pode se tornar uma experiência imersiva se você clicar no botão errado do celular.

O RelevO nem é contra anúncios. Aliás, o RelevO tem anúncios – muitos anúncios, você até poderia dizer –, mas garantimos que eles não explodem [na] sua tela, não interrompem o arco narrativo dos seus filmes e não empurramos um plano de assinaturas mais caro para você ficar *livre* deles. Não simpatizamos com *big techs* e, antes que a gente esconda nosso iPhone 12 com capinha alaranjada, o que nos incomoda mesmo é o descontrole da coisa toda. Será que a

nossa geladeira precisa de propaganda? Será que a catraca do ônibus orna com um banner de ex-BBB? Será mesmo que uma conta de bebê no Instagram precisa indicar links da Shopee?

Os anúncios chegarão aos caixões. E não só eles, mas outras patifarias como logins, *drones* e *playlists* colaborativas.

Antes disso, a existência desta espécie de Manual de Morte Digna do RelevO cumpre uma função única e exclusivamente pessoal: evitar um QR Code na nossa despedida e no adeus a quem gostamos. Abaixo, compartilhamos um decálogo com pedidos possivelmente desimportantes, até porque não estaremos aqui para reclamar ou renovar o pacote de dados em nosso último evento, então, no fim das contas, nada importa mesmo. Quem sabe até esqueçam de nos enterrar ou digam que fomos “pra *chácara*”.



1. Não autorizamos o uso de QR Code na lápide

“Escaneie para conhecer a trajetória de Rubens, pai dedicado, patrocinado por Cemitério Jardim da Saudade™” é um tipo de imersão que talvez não queiramos. Quer falar sobre *mim*? Imprima um *flyer* (preferimos “filipeta”), como fazíamos antes de ressignificar termos como “nuvem”.

2. Proibimos *playlist* colaborativa no velório

Nada contra diversidade musical, mas algum millennial chatão insistirá em ‘Evidências’, que não vai ornar bem entre o techno melancólico alemão ‘Grief Pulse (Extended Mix)’ e ‘Headhunter’ do Front 242. Também há sempre o risco de a pessoa responsável por centralizar a *playlist* não pagar o plano livre de anúncios e tudo ficar ainda mais constrangedor.

3. Não aceitamos coroa de flores com *branding*

“Uma homenagem da Autopeças Pistão: acelerando até no além”. Me poupe. (Exceção: se eu morrer epicamente a 200 km/h, sem levar ninguém comigo a não ser as dezenas de substâncias que a necropsia sequer consegue identificar.)

4. Vedada a presença de *drones*

Toda família tem um primo Eduardo ou Vinícius ou Carlos que comprou um *drone* na pandemia e acredita produzir cinema autoral para casamentos. Não permitimos tomadas aéreas do cortejo em 4K, muito menos para gerarem vídeos no Instagram que pedem para “virar a tela” e oferecem “transições insanas”.

5. Impedimos fotógrafos, amadores ou não, de exercer seu ofício

Este talvez seja o pedido mais analógico da lista, portanto nos damos ao direito de não elaborar, pois se trata de uma variação do Problema Eduardo ou Vinícius ou Carlos. Quer tirar foto de morto? Vai no jogo do [meu time] que você encontra 11, ha-ha-ha-ha.

6. Não permitimos a confecção de copos e outros objetos personalizados

“Enterrada 2031: eu fui!”, canecas personalizadas, bottoms e canetas são outros itens de cultura corporativa que preferimos afastar de cerimônias referendados pelo Jornal RelevO. Todos abrem espaço para anúncios, ou para anunciantes pagarem, ou simplesmente remetem ao Fabrício do RH – quem deveria estar enterrado (não necessariamente morto), junto de todo RH de todo o planeta, e não eu.



7. Sem qualquer mestre de cerimônias

Tensões altas, grandes grupos, paixões comuns: um funeral é um prato cheio para egocêntricos subirem ao palco. Para evitar isso, não liberamos a participação de nenhum mestre de cerimônia, principalmente os do tipo motivacional. Em tempo: não nos opomos à ideia de contratar um *narrador* para o velório. Isso pode ser interessante (“vem trazendo o caixão a família em 1-2-2-1; Luizão e Charles na direita, Mari e Roberta na esquerda” etc.). Porém, proibimos qualquer narrador famoso ou com bordões estabelecidos. Também proibimos narradores completamente desconhecidos e que ainda tentam emplacar seus bordões.

8. É absolutamente vedada qualquer participação, patrocínio, estímulo ou apoio proveniente de casa de apostas

“Dê seu último adeus e aproveite *odds* especiais para a demissão do novo técnico do São Paulo Futebol Clube” é uma frase provavelmente proferida em alguma mesa-redonda neste exato momento.

9. Um funeral ou enterro ou velório é um espaço livre de logins

Não permitimos qualquer tipo de “preencha seu e-mail” ou “Você concorda em receber material promocional etc. etc. etc.” para obter wi-fi, vaga de estacionamento ou água. Por um mundo mais limpo de contas e, consequentemente, spam.

10. Proibimos cães

Mas aí você pode pensar: “o que cães têm a ver com tecnologia?”. Tudo! Do ponto de vista técnico, cães são, basicamente, alarmes que mijam. Ou seja, é apenas lógico presumir que, em breve, seu cão terá anúncios. A priori, queremos mesmo é evitar um convescote de yorkshires ou até mesmo que seus donos (“tutores”) entrem em confronto por qualquer razão específica e acabem (todas as espécies) mijando no túmulo. Entendam que não estamos reclamando, até porque, se cachorro não mijasse, o RelevO perderia 1/4 de seus assinantes.



Tragados pelo City Pop

City pop: uma nomenclatura tão vaga, genérica e imprecisa que não chega perto de contemplar a especificidade do gênero em questão. Trata-se de um *pop* japonês com cara, cheiro e gosto de algo perdido entre os anos 1970 e 80, com influência explícita do que se consagrava nas rádios dos Estados Unidos daquela época, e não só de lá.

Tem um pouco de *soul*; um pouco de *funk*; um pouco de *fusion*; um pouco daquilo que você ouve na recepção do dentista (em Curitiba, a Ouro Verde FM) – mas em japonês. É leve, muito leve. Talvez porque o Japão ainda aproveitava os efeitos de seu milagre econômico.

A atração começa com 'Plastic love', de Mariya Takeuchi. Embala-se com Tatsuro Yamashita, não por coincidência marido de Takeuchi. Aí surgem Miki Matsubara, Junko Yagami, Tomoko Aran, Toshiki Kadomatsu... você caiu no vórtice e já confere os *covers*, *mashups* e que tais.

O algoritmo do YouTube providencia tudo. Um *mix* atrás do outro te mergulha em um gênero acessível, irresistível e indecifrável – isso porque o *city pop* parece cativar principalmente aqueles desprovidos de qualquer relação com o país asiático. Seu apelo mundial deriva da internet e foi expandido pela plataforma de compartilhamento de vídeos.

Basta rolar pelos comentários da supracitada 'Plastic love', pináculo do gênero, para compreender a sensação compartilhada pelos ouvintes. O que os une é o sentimento de nostalgia por algo não vivido, as

saudades de um passado fictício. (Sabemos exatamente quanto *cornô* isso soa, mas a reação comum é inegável a quem trafegar pelo YouTube e observar o padrão temático dos milhares de comentários espalhados.)

O *city pop* é, acima de tudo, um mundo que não existiu. Como um *Homem do Castelo Alto* às avessas, oferece o otimismo cósmico a partir do qual a vida é uma Califórnia japonesa, e você, o condutor em uma estrada ensolarada, espaçosa, despreocupada. Ouça e adentre essa rota livre de tensão: um, dois, três; ichi, ni, san.

Um caminho pelo qual o mundo não só não enveredou como jamais poderia enveredar. Há uma razão, portanto, para soar tão *cornô*: alguns clichês são tão gastos que não poderiam se desfazer de sua condição de verdade implacável. O mundo não é a estrada vazia de uma Califórnia sinalizada em *kanji*; o tempo não passa onde ele não pode existir.

Esse apelo tão irrestrito, afinal, só poderia receber um nome vago, genérico e impreciso: *city pop*.

A imagem utilizada no texto foi ilustrada por Hiroshi Nagai, o cartaz do *city pop*. Muitas capas da época são dele; algumas recentes também – como a de *Pacific Breeze* (2019), compilação da americana Light in the Attic Records já projetada em um mundo nem utópico nem distópico, mas cheio do tópico, tá ligado. Ouça aqui.

Essa mesma gravadora também lançou – pela primeira vez fora do Japão – alguns discos de Haruomi Hosono, líder do magistral Yellow Magic Orchestra e grande fonte de influência para o *city pop*. Mas o YMO é um capítulo à parte e um dia certamente voltaremos ao grupo: Ryuichi Sakamoto que nos aguarde.

E N C L A V E

a newsletter do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:

<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

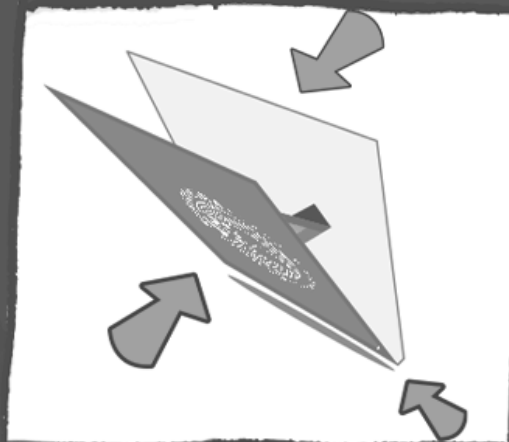
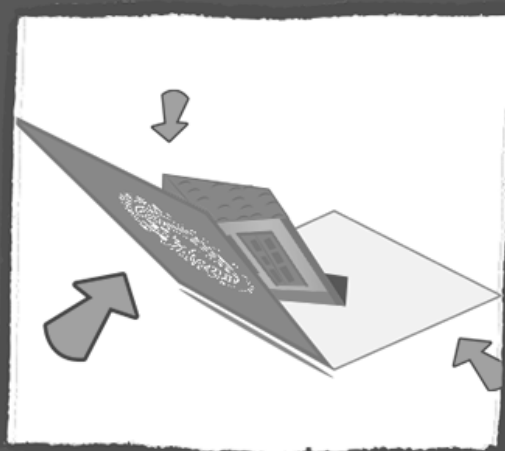
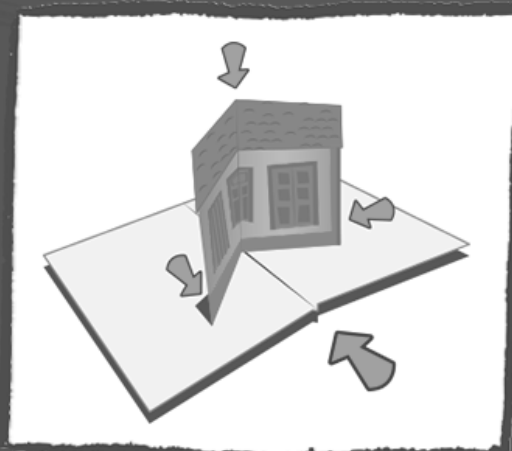


MINISTÉRIO DA CULTURA APRESENTA

6ª FLIJJUN

FESTA LITERÁRIA JULIA NASCIMENTO

3, 4 E 5 DE JULHO



LIVRARIAS FECHAM, LIVROS SE ABREM.

Evento Gratuito!

PATROCÍNIO:



APOIO:



REALIZAÇÃO:



MINISTÉRIO DA CULTURA





Yolanda Bedregal

Seleção, tradução e biografia por Xavier Vásquez Freire

Yolanda Bedregal foi uma poeta e romancista boliviana. Nasceu em 21 de setembro de 1913 em La Paz e morreu na mesma cidade em 21 de maio de 1999. Realizou estudos superiores na Escola de Belas Artes de La Paz. Fez parte, entre outras instituições, da *Academia Boliviana de la Lengua*, correspondente da *Real Academia Española* e da *Academia Argentina de Letras*. Yolanda Bedregal publicou cerca de 20 livros de poesia, narrativa e antologias. Recebeu, entre outros, o Prêmio Nacional de Romance Erich Guttentag em 1971 pelo seu primeiro romance, *Bajo el oscuro sol*. O Estado boliviano instituiu, a partir do ano 2000, como homenagem à escritora, o Prêmio Nacional de Poesia Yolanda Bedregal, que se convoca, desde então, cada ano.

Nacimiento

*Ultimo día del invierno y primero de la primavera.
Ultimo día de la tibia tiniebla de la entraña
para entrar en la fría luz del mundo.*

*Yo estaría madura de la sombra, de la nada,
del amor: madura de la carne en que crecía.
Y asomo mi cabeza con un grito:
flor de sangrante herida
cúspide lúcida del dolor más hondo
jubiloso momento de tragedia!*

*Mi madre habrá tenido sus ojos, lacrimosa,
a la semilla de las cruces.*

*Nadie pensaba entonces que relojes
de cuarzo o girasol la esperarían.*

*Al vórtice de esta hora, cuantos muertos
habrá resucitado en el vagido
que tenía la alcoba de luz verde.*

*Yo habría de cumplir cuantos designios,
tendría que repetir la máscara de algún antepasado
quién sabe la ponzoña de su alma, o su nobleza;
realizar sus venganzas, restañar sus fracasos.*

*Venir de la resaca de unos seres lejanos
que se amaron un día
que se encadenaron con la vida
ser argolla más de esa condena.*

*Saber que somos frutos de un punto de alegría
y ese germen, ¡Dios mío!
desde qué grietas sube, de qué simas?*

*De la tibia tiniebla a la luz fría
hendiendo vida y muerte
la frágil levadura su eternidad mordida.*

Nascimento

Último dia do inverno e primeiro da primavera.
Último dia da morna treva da entranha
para adentrar na fria luz do mundo.

Eu estaria madura da sombra, do nada,
do amor: madura da carne em que crescia.
E assomo minha cabeça com um grito:
flor de sangrante ferida
cúspide lúcida da dor mais profunda
jubiloso momento de tragédia!

Minha mãe terá tido seus olhos, lacrimosa,
na semente das cruces.

Ninguém imaginava então que relógios
de quartzo ou girassol a aguardariam.

No vórtice desta hora, quantos mortos
terá ressuscitado no vagido
que tinha o quarto de luz verde.

Eu deveria cumprir quais desígnios,
teria de repetir a máscara de algum antepassado
talvez o veneno de sua alma, ou sua nobreza;
realizar suas vinganças, cicatrizar seus fracassos.

Vir da ressaca de seres distantes
que se amaram um dia,
que se acorrentaram à vida,
ser mais um elo dessa condenação.

Saber que somos frutos de um ponto de alegria
e esse germe, meu Deus!
de que fendas sobe, de que abismos?

Da morna treva à luz fria
rachando vida e morte
o frágil fermento sua eternidade mordida.



Eterna como el sueño fugaz.

Yo te miro sin ojos desde siempre.
 Tú me llevas en ti desde que existes.
 Si antes no lo sabías,
 ahora
 ya no lo puedes olvidar.
 Yo he crecido en el mar
 sobre una ola que se alargó
 para volverse tallo.
 En ese tallo de agua limpia
 he subido a mirar a los ojos de Dios.
 Ahora me inclina un hálito a tu mano,
 y estoy en ti como la mujer muerta
 por la que todos los hombres han llorado.
 Tú también has llorado
 por tu hija, por tu madre,
 por la mujer eterna de cuya muerte vives.

Ya no lo puedes olvidar.


Cuando tus ojos caminen en la sombra,
 sentirás todavía por el cuerpo
 una dulzura amarga y tibia:
 beso en las palmas juntas
 y una paloma que huye de tus dedos.
 Con mi cara de piedra
 yo estoy en la otra orilla.
 Existo para ti en este momento;
 y para mí no existo
 porque soy más que eterna en cinco letras.
 En el altar de Hombre fuerte como la vida,
 hombre de hierro y hielo,
 metal, sangre y espíritu,
 cae la ofrenda íntegra
 de la mujer lejana.
 Mujer de canto y llanto
 eterna como el sueño.

Eterna como o sonho fugaz.

Eu olho para você sem olhos desde sempre.
 Você me carrega desde que existe.
 Se antes você não sabia,
 agora
 já não pode esquecer.
 Eu cresci no mar
 sobre uma onda que se esticou
 para virar caule.
 Nesse caule de água limpa
 subi para olhar nos olhos de Deus.
 Agora um sopro inclina-me para a tua mão,
 e estou em você como a mulher morta
 pela qual todos os homens choraram.
 Você também chorou
 pela tua filha, pela tua mãe,
 pela mulher eterna de cuja morte te deu a vida.

Você já não pode esquecer.

Quando teus olhos caminharem na sombra,
 você ainda sentirá no corpo
 uma doçura amarga e morna:
 beijo nas palmas juntas
 e uma pomba que foge dos teus dedos.
 Com meu rosto impassível
 eu estou na outra margem.
 Existo pra você neste momento;
 e para mim não existo
 porque sou mais que eterna em cinco letras.
 No altar de Homem forte como a vida,
 homem de ferro e gelo,
 metal, sangue e espírito,
 cai a oferenda íntegra
 da mulher distante.
 Mulher de canto e pranto
 eterna como o sonho.

 **Xavier Vásquez Freire** é professor de línguas, poeta, tradutor e livreiro. Nasceu na Corunha, na Galiza. Mora desde 2013 em Curitiba (PR).



“Transitando pela fronteira imprecisa da ficção e da autoficção, André Giusti relata, neste monumental romance, a crise do gato de meia-idade. Um personagem volúvel, por isso contraditoriamente fascinante”

Sérgio Tavares

Só Vale a Pena se Houver Encanto,

de André Giusti. À venda em www.caoseletras.com.br e na Amazon



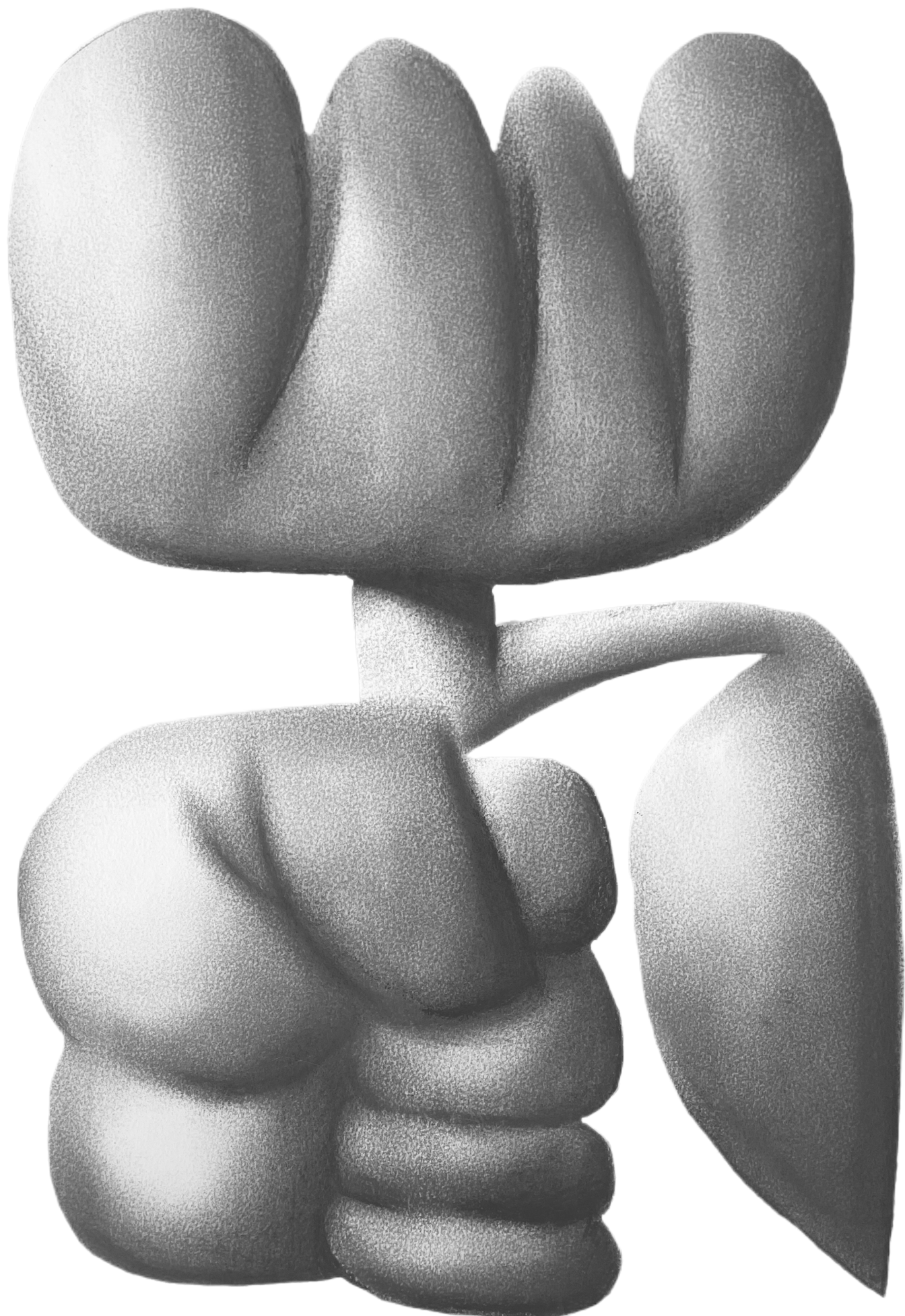
1 rolling stones

Juliana Maffeis

se todos os postos estão ocupados por ilustres figuras do pensamento contemporâneo venho aqui trazer meu lugar de precipício e fazer rolar as pedras da minha vesícula pouco visíveis a quem silencia ao som das moscas porque moscas quando cantam não há quem não se zangue porque mosca era pra ficar cheirando merda e não tentando passar do vidro das janelas das sacadas das coberturas dos escritórios dos doutores que ouvem nossas histórias comendo brioche com manteiga importada imagina se no meio da cantoria eu caio na sua faca e você sem que me corte me engole ah seria infecção intestinal na certa e os abismos da sua própria voz não fazem eco aqui embaixo aqui no submundo das margarinas sem sal ninguém escuta seu nome dentro de uma bossa triste você tem medo de moscas doutor? pois moscas furtam cores até de flores mortas e cagam por cima daquilo que você nem enxerga



Juliana Maffeis (1987)
é professora, artista e pesquisadora. Nasceu em Porto Alegre (RS).





Arroz de Pato

Patrícia Ferraz

Vou descrever a segunda tentativa. Não a primeira — essa já aconteceu e já tem o seu lugar. A segunda foi diferente, e descrevê-la serve um propósito que não é confissão: é recusa do romantismo. Porque o romantismo existe. Há uma versão cinematográfica da tentativa de suicídio — música melancólica, carta bem escrita, cenário evocativo — que não tem nada a ver com o que é na realidade.

Era uma terça-feira. Sei que era terça porque havia um programa de televisão que eu via às terças e que já não ia ver. Essa era uma das informações que o meu cérebro estava a processar naquele momento: que havia um programa às terças e que não havia mais terças. Os meus pensamentos tinham uma qualidade muito específica — não de desespero activo, mas de inventário. Estava a fazer a lista das coisas que terminavam. O programa. A planta que estava na janela e que ia morrer sem água. Uma dívida pequena de um livro emprestado a uma amiga que nunca devolveria.

Estava sentada no chão do quarto, encostada à cama. Não porque tivesse escolhido aquela posição — simplesmente era onde estava quando as pernas pararam de funcionar. Havia comprimidos no chão à minha frente. Não vou descrever quais nem quantos porque este texto não é um manual. Mas havia. E estava a olhar para eles com uma atenção que não era emocionalmente intensa. Era apenas foco. Como quando se faz uma lista de compras.

O que não estava a sentir era o que as pessoas imaginam que se sente: não havia choro dramático, não havia música na cabeça, não havia visões do passado em loop. Havia silêncio. Um silêncio que era, de certa forma, a coisa mais alivante que eu tinha sentido em semanas. Como quando a dor de cabeça pára. A ausência de algo que estava sempre lá.

O que me parou foi o telemóvel. Não uma chamada — uma mensagem. Da minha mãe, de todas as pessoas possíveis, a dizer que tinha feito arroz de pato e que havia para mim se eu quisesse. Arroz de pato. Com aquela quantidade de esforço e aquela especificidade culinária absurda, naquele momento exacto. Fiquei a olhar para a mensagem durante talvez um minuto. Depois meti os comprimidos no fundo de uma gaveta e fui jantar.

Não conto isto por causa do final inesperadamente doméstico. Conto porque a realidade das tentativas de suicídio é que às vezes o que as interrompe é completamente aleatório e banal. Uma mensagem de texto sobre arroz de pato. As pessoas que sobrevivem às suas tentativas raramente sobrevivem por razões grandiosas. Sobrevivem porque algo pequeno aconteceu no momento certo.

A minha mãe não sabe desta história. Fez o arroz de pato por razões suas, que provavelmente tinham a ver com querer ocupar a tarde. Não foi um gesto intencional de salvação. Foi apenas uma mãe a fazer jantar. Às vezes é isso que basta.



Galinhas e Gorilas é uma comédia que acompanha a militarização do Estado brasileiro desde a redemocratização e contada através da história de quatro figuras absurdas: Abraham Lincoln Oliveira da Silva, o Mr. X, o Sargento Caolho e o Maicon. A estrutura do livro é de duas verdades e uma mentira, mas eu já nem me lembro mais o que realmente aconteceu e o que não. O Abraham é bolsonaro roxo, o Mr. X não existe, o Sargento Caolho é um cara bem normal. O Maicon? O Maicon é você. Não olhe para trás.



“Meu pai não reconhecia o valor do pragmatismo, ele achava que as coisas se originavam do ar, que Deus vai construindo a fortuna dos mercedores com tijolos invisíveis. Deus, hoje sabemos, é nossa arma. Ele dispara para onde a gente aponta.”

Basílio Baran, Editora Letramento. À venda no site da Editora Letramento ou diretamente com o autor (dica, é mais barato) pelo instagram @basiliobaran ou no link linktr.ee/basiliobaran



RAMITA
CAFÉS



Grãos das 5 regiões
Norte
Nordeste
Sul
Sudeste
Centro-Oeste

📍 Campo Grande - MS
📷 @ramitacafes
🛒 toja.ramitacafes.com.br



QUADRILHA

Costumavam dizer que ela era uma pessoa difícil.
“Quantas tatuagens você tem?”

– Nenhuma.

“Nenhuma!? Sério mesmo? Eu tenho três. Uma no braço direito, outra no esquerdo e uma na perna direita. Tô pensando em fazer mais uma, no peito.”

– Legal.

“Você não tem mesmo uma tatuagem?”

– Não.

“Que diferente! Por quê?”

– Por que o quê?

“Por que você não tem tatuagem?”

– Por que eu teria uma tatuagem?

“Sei lá... hoje em dia todo mundo tem. Demonstra personalidade.”

– Então, pela sua lógica, eu não tenho personalidade porque não tenho algo que, hoje em dia, todo mundo tem?”

“É mais ou menos isso. Mas não quero generalizar.”

– Meu deus...

“Entendo que algumas pessoas têm medo de agulha, deve ser o seu caso, né?”

– Eu não disse isso.

“Mas, apesar da dor no começo, você se acostuma. É bem gostoso tatuar, pra falar a verdade. Mas é um pouquinho caro, o que não é um problema pra mim, como você pode notar.”

– Notar o quê, exatamente?

“Essa minha camisa, por exemplo, não encontra aqui no Brasil. Comprei na loja original da Dolce & Gabbana, na minha última viagem pra Paris, mês passado.”

– Nossa, que legal...

“Você já foi a Paris?”

– Não.

“Você deveria ir.”

– Não brinca!

“Paris é linda nessa época do ano. Quem sabe um dia eu não te leve pra lá.”

– Eu tenho plena certeza de que isso nunca vai acontecer.

“Por quê? Eu consigo notar que tá rolando uma conexão aqui entre nós. Uma energia, sabe? Acho charmoso esse olhar desinteressado que você fica jogando pra mim.”

– Isso é porque eu tô realmente desinteressada.

“Ué, por quê? Foi porque eu falei da tatuagem?”

– Não só.

“Olha, saiba que eu tô tentando fazer essa conversa ser o mais agradável possível. Você que não tá fazendo nenhum esforço.”

– E eu deveria me esforçar, por acaso?

“Seria o mínimo. Bem que me disseram que você era uma pessoa difícil.”

– Na verdade, é você que é um idiota.

Costumavam dizer que ele era uma pessoa difícil.

“Por que você deixa o cabelo comprido?”

– Porque eu gosto.

“Eu acho que ficaria mais charmoso se você cortasse curtinho.”

– Não faço questão de ser charmoso.

“Dá pra ver. Você usa All-Star?”

– E qual o problema do All-Star?

“Nenhum, quando você é adolescente.”

– Meu deus...

“É que é um tênis de esquerdomacho hoje em dia.”

– Então, pela sua lógica, eu sou um esquerdomacho porque uso All-Star?

“E essa camiseta do Cartola também.”

– Eu gosto do Cartola.

“É que é tão... tão... alternativo, sabe? Tem que ouvir mais coisas atuais, que conversam com a nossa geração.”

– E eu deveria ouvir o quê, Taylor Swift?

“A Taylor é uma grande artista, tá? Ela transforma as dores dela em música e o público se identifica com o que ela diz.”

– É, o Cartola nunca fez nada disso.

“Nunca ouvi nada do Cartola, mas MPB é algo tão ultrapassado hoje, sabe?”

– Agora Cartola é MPB.

“Mas tudo bem. Gostei de você. Quando a gente sair de novo, te mostro coisas novas. Tenho certeza de que você vai gostar.”

– Eu não teria tanta certeza assim.

“Ué, por quê? A carapuça serviu quando te chamei de esquerdomacho, né?”

– Talvez, mas eu tô aqui pensando, você pensa por si mesma ou só reproduz frases feitas que leu no Twitter ou viu em algum vídeo de blogueirinha do Instagram?

“Desculpa se a verdade dói, sabe!”

– Isso não é a verdade. É só um papinho furado de quem não sabe nada de nada e que se acha super pra frente, mas que é tão careta quanto uma teste-

munha de Jeová. E, caso queira saber, não sou um esquerdomacho, pelo visto eu sou só um machista que vota na esquerda e ouve Cartola.

“E você tem orgulho de ser machista, é isso?”

– Não é isso. Eu sou um babaca e tenho consciência disso e eu tenho muita preguiça de esconder quem eu sou, do que gosto e do que realmente quero. Você pode dizer a mesma coisa de si mesma?

“O problema não é ser um babaca, mas querer continuar sendo um babaca. Ao menos, me esforço a cada dia para me tornar uma pessoa melhor. Você deveria tentar fazer isso também.”

– Por pessoa melhor você diz cortar o cabelo na régua? Comprar um Nike e uma camiseta da Abercrombie? Ouvir uma loirinha relinchando sobre o término de namoro?

“Seria um começo. Acho que te deixaria mais autêntico e, com certeza, uma pessoa melhor.”

– Conversar com você me faz pensar que talvez o mundo não mereça o meu melhor.

“Bem que me disseram que você era uma pessoa difícil.”

– Na verdade, é você que é uma idiota.

Sim, eles seriam perfeitos um para o outro. Mas, apesar da extensão territorial da cidade de Curitiba fazer jus à primeira sílaba de seu nome e dos dois frequentarem os mesmos lugares e terem conhecidos em comum, eles nunca se encontraram.

Já os idiotas...

“Adorei a sua tatuagem.”

“Obrigada.”

“Que pássaro que é?”

“É um bem-te-vi.”

“É bonita.”

“Também gostei dessa no seu braço.”

“Obrigado, fiz em homenagem ao meu gato, o Abobrinha.”

“Que bonitinho!”

“Olha, gostei de te conhecer. Acho que esse encontro tá indo bem, né?”

“Também gostei de você e tá indo bem sim. A última vez que saí com um cara foi péssimo.”

“Nem me fale, meu último *date* foi uma chatice só.”

“Eu saí com um esquerdomacho, daqueles tipos que usava All-Star e tem cabelo comprido, sabe?”

“Conheço esses tipinhos.”



João Alexandre

“Um completo babaca. Acredita que ele tinha orgulho de ser machista!?”

“Que absurdo!”

“Pra você ver. O típico babaca que escuta MPB e que não quer evoluir como pessoa. Cê acredita que ele até me chamou de idiota só porque questionei o gosto musical dele?”

“Meu Deus!”

“Pois é.”

“A última garota que eu saí também me chamou de idiota.”

“Nossa, por quê?”

“Não sei bem. Ela quase não falava. Eu que tinha que puxar assunto e ela lá, parada, me olhando com uma cara de tédio.”

“Devia ser uma escrota, não consigo imaginar alguém se entediando com você.”

“Acho que ela me julgava porque eu tenho dinheiro. Que culpa tenho eu de ter conseguido um bom emprego e ter comprado um Audi?”

“Que absurdo...”

“Mas era daquelas garotas alternativas, meio emo, sem um pingo de personalidade.”

“Sei bem como é.”

“Obviamente não é o seu caso.”

“Sei disso. Sou muito autêntica nas minhas escolhas, mas sei que estou longe de ser perfeita. Acho que o importante é sempre nos esforçarmos para sermos uma pessoa melhor, sabe?”

“Concordo totalmente. Por exemplo, um dia desses doei 300 reais para o Médicos Sem Fronteiras.”

“Nossa, que demais!”

“Esse dinheiro não faz diferença nenhuma pra mim, mas faz toda a diferença pra eles, né?”

“É sim... Sabe, tô realmente gostando desse *date*.”

“Eu também.”

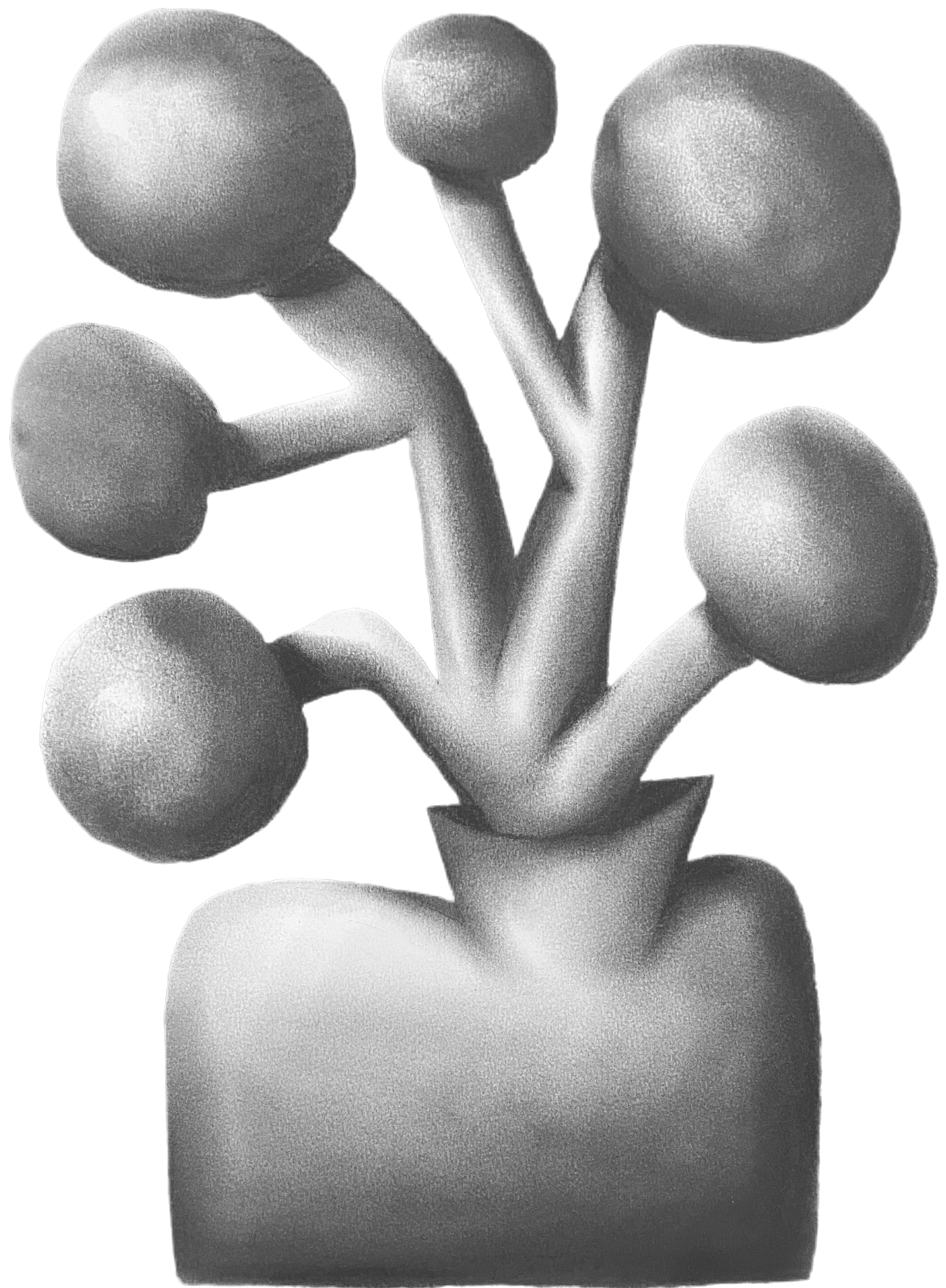
“E gostei muito da sua camisa. De onde que é?”

“Então, comprei essa camisa na loja original da Dolce & Gabbana, da última vez que fui pra Paris.”

“Ai, eu adoraria conhecer Paris um dia.”

“Quem sabe um dia eu não te leve pra lá?”

“É, quem sabe?”





Negativos

Marília Lila

Me sento na salinha onde um relógio de pêndulo sovou as horas por quase um século, vigiado de perto pelo Cristo de um calendário desbotado, imagem favorita da minha avó. Já são dez anos sem ela, sete sem o avô. A casa também expira, em parcelas, a cada objeto suprimido, móvel retirado ou história silenciada. Desse espólio informal, fotografias que ninguém mais queria sobreram para mim.

No sofá de corino vermelho que ainda resiste, espalho pequenos álbuns, porta-retratos de papelão com publicidade de comércios desaparecidos e fotografias soltas escorregando umas sobre as outras, anarquizando cronologias. Conheço essas imagens de trás para a frente, todas chumbadas na lembrança, e mesmo assim ainda tento caçar alguma surpresa ao revê-las. E a cada vez, sem falta, é a miséria de espantos que reencontro, em registros de uma não-existência.

Numa das fotos coloridas, eu e minha irmã coremos. Apenas um borrão, perfis que se adivinham e detalhes incertos. Presenças, mas ninguém exatamente – síntese de nossa infância, na qual estivemos de passagem e sempre tentando fugir. Em outra imagem, da mesma época, minha mãe jovem sorrindo. Não lembro dessa leveza na vida de todo dia, então imagino que ela sorriu exclusivamente para a foto ou talvez para si mesma.

Fotografias escolares, de viagens, encontros, comemorações, visitas, monotonia congelada. Termino esse safári escasso e noto uma caixa de papelão amassada sob um álbum. Retiro sua tampa e descubro uma família, a minha, em preto e branco. Pessoas desconhecidas, paisagens que não existem mais, construções reformadas ou já demolidas – panteão a anônimas e anônimos, monumentos à insignificância, mas ainda assim valiosos. Muitas fotos de cinco meninas, sempre as mesmas, em diferentes épocas. Fato estranhíssimo, o rosto de uma delas foi extirpado de cada uma das imagens do grupo.

Numa das fotos, uma menina segura sua boneca e talvez leve a mão à boca. Não é possível distinguir, pois a região do rosto foi arranhada, raspada até a desapareição dos traços. No verso, 1949, escrito com cuidado. Em outra imagem, as cinco meninas uniformizadas. Acredito reconhecer minha tia mais nova entre elas, mas não tenho certeza, pois as tias, suas primas e minha mãe eram muito parecidas, com

idades próximas. A menina que segura um dicionário teve sua cabeça recortada até o pescoço. Viro a foto: *Turma de 1958 – Grupo Escolar J. H. Miranda.*

Numa fotografia pequena e feita a grande distância, as meninas estão num gramado, sentadas sobre uma toalha branca. Um retângulo miúdo assinala a ausência de um rosto, sem data. Retrato de formatura, com as cinco entre várias outras meninas – 1962. Um rosto foi eliminado com cuidado, respeitando o contorno de um penteado rígido de laquê, me lembrando umas bonequinhas de papel para recortar e vestir que deixavam suas formas vazadas na cartela em que foram impressas.

Três fotos da mesma época. Uma festa, com três das amigas avançando taças num brinde – a do meio, decapitada, continua ostentando seu colar de pérolas e um broche; numa praia, as mesmas três com maiôs de armação pontuda no busto – uma delas segura um par de óculos escuros, mesmo que não haja um rosto para apoiá-los; um homem e uma mulher aparentemente jovens, de costas – a cabeça dela deve ter sido extraída com o que estava à mão, deixando um buraco disforme e partes do papelão à vista. Não há anotações identificando essas imagens, apenas os vazios surrealistas sugerindo a mesma pessoa.

Mas por que alguém removeria a própria identidade? Outra pessoa teria manufaturado as ablações? E para que conservar retratos guilhotinados? Quem

os salvou de um sumiço definitivo? Seria o saldo de raivas muito mastigadas? Uma descompostura por alta traição ao clã? Quem era (ou é) a criatura sem fisionomia? Minha mãe, que casou com um sujeito seis meses depois de tê-lo conhecido e foi morar em outra cidade? Sua irmã, estudante na capital, que desapareceu nos anos 1970? A prima que um dia foi embora, deixando o marido e seu dois meninos? Talvez alguém recusando se ver naquelas imagens, não se deixando engaiolar em outra época e outros lugares – mesmo que ao dar cabo de sua cabeça tenha desamparado um corpo, que continua preso em entornos perdidos.

Eu não deveria, mas é claro que vou atazanar familiares e mendigar uma informaçãozinha que seja sobre a anônima, um respingo de história mal explicada (mais uma) para o meu caleidoscópio de cacós, aparas e sobras. Seja como for, o empenho fica para depois. Por hora, tudo isso me angustia. Devolvo a tampa à caixa, com a sensação de ter visto *selfies* pelo lado avesso.



Marília Lila (1969) nasceu em Curitiba (PR) e mora em Florianópolis (SC). É revisora e tradutora.

Karla Baptista

Nutricionista do idoso

Intestino, força e alimentação no dia a dia

CRN-8 15569
@karlacostabap
(41) 98402-3822



Praça República Juliana, 153
Laguna-SC

Pontos de distribuição do Jornal Relevo (é só chegar e pegar!)

Alagoas

MACEIÓ
Livraria Novo Jardim

Amapá

MACAPÁ
Biblioteca Pública Elcy Lacerda

Amazonas

MANAUS
Kalena Café
O Alienígena da Amazônia
Sebo Edipoeira

Bahia

JUAZEIRO
Sebo nas Canelas
ILHÉUS
Badauê Livros, Discos e Café
SALVADOR
Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS)
Livraria
Escariz

Ceará

FORTALEZA
Rede Jangada Literária
Reboot Comic Store
JUAZEIRO DO NORTE
Solaris Sebo

Distrito Federal

BRASÍLIA
Circulares Livraria
Los Baristas Casa de Cafés
Oto Livraria Quanto Café
Paradeiro 309

Espírito Santo

ANCHIETA
Lúcia Livraria
DORES DO RIO PRETO
A Cafeteria
MARATAIZES
Marítimo Restaurante e Lounge Bar
SÃO MATEUS
Livraria Sebo & Arte
VITÓRIA
Catraia Livros e Leitura
Cheiro de Livro Sebo

Goias

GOIÂNIA
Casa Pomar
Livraria Palavrear

Maranhão

SÃO LUIS
Rede Ilha Literária

Mato Grosso

CUIABÁ
Raro Ruído
Tcha por Discos - Vinyl Store

Mato Grosso do Sul

CAMPO GRANDE
Banca Modular Hâmor Livraria
Ramita Cafés
DOURADOS
Livraria Canto das Letras
Sebo Café Leitura

Minas Gerais

BELO HORIZONTE
Amoras Café
Café CentoeQuatro Editora UFMG
Livraria Casa Literíssima
Livraria da Rua
Livraria do Belas
Livraria Dona Clara
Livraria Jenipapo BH
Livraria Outlet de Livro
Quixote Livraria e Café

Samsara Espaço Esotérico

Pará
BELEM
Casa Arari Livraria e Cafeteria
Livraria Boiúna
Rede Amazônia Literária

Paraíba

JOÃO PESSOA
Abô Botânica e Café
SOLÂNEA
Binário Café

Paraná

ANTONINA
Livraria da Barca
ARAUCÁRIA
Boutique Café
Casa Eliseu Voronkoff
Panificadora El Grano
Porão Cavalo Baio
CIANORTE
Café 513
COLOMBO
Livraria e Papelaria Colombo
Parque Municipal Gruta do Bacaetava
CURITIBA
Abuela Plantas
Ah! Cafeteria
Ainda Bem Café
Ao Distinto Cavalheiro
Arcádia Sebo & Café
Argenta Cafés
Asteristico Café
Ateliê CADERNO LISTRADO
Baba Salim
Bardo Tatara
Bar do Dante
Bar Invasão do Teatro
Bar Makiolka
Bar Otelo Ben Café
Biblioteca Pública do Paraná
Bondinho de Leitura da XV
Botanique Oásis
Brains Coworking
BrauBrau
Café 217
Café Cultura (Cabra)l
Café do Canto
Café Degusto
Café Encantado
Café do Espaço
Café do Mercado
Café do Viajante
Café e Livraria Solar do Rosário
Café Lisboa
Caffé Per Tutti Centro
Caffé Per Tutti Juvevê
Casa das Bolachas
Casa Luce
Cataia Bar
Coffeeteria
Colégio Medianeira
Cordelo Café
D'House
Dalat Café
EH Brewing CO.
Empório Kaveh Kanes
Estação Chelsea
Estação Literária Osório
Estúdio Latino de Design
Estúdio Riachuelo
Fabrika Pães & Café
Fingen Café
Five Lab
Floreria Café Bar
Fubá Café
Fuga Café
Fundação Cultural de Curitiba
Gabo Livros
Gerência Faróis do Saber
Giardino Café & Cappuccinaria
Gisele Farias Estética Avançada
Go Coffee Água Verde
Grimm Haus Sebo & Livraria
Hype Brasil
Itiban Comics Shop
Isis Café
Janaíno Vegan Bar
Joaquim Livraria
Jokers Bar
La Belle Époque
Liquori da XV
Livraria Arte & Letra
Livraria da Vila
Livraria do Chain
Livraria Vertov
Love City
Lynk Gastrô
Mabu Hotel
Maçã Padaria
Mad Jack Beer Lab
Maitê Livros
Mamãe Urso Café
Manana Café

Maniacs Brewing Co
Manifesto Café
MediaLuna Café
MoaCoa Café
Nex House
O Pensador Bar
Obrigado Pelos Transtornos
Oba Sebo e Livraria
Ópera Arte
Ópera Garden Café
Ostra Bêbada
Pão Prosa
Padaria América
Pango Café & Bar
Páprica Vegan
Passeio Café e Arte
Pátio Café
Provence Boulangerie
Purple Reis
Rango de Planta
ROS Coffee, Wine & Cocktails
Rituais Casa de Café
Sala Café Living
Santa Cruz Centro Universitário
Savarin Music
Sebinho FATO Agenda
Sebo Kapricho Marechal
Sebo Releituras Centro
Sebo Releituras Portão
Sebo Santos
SESC Paço da Liberdade
Space Cat
Solar do Barão
Supernova Coffee Roasters
Tangerina Café
Teatro Enio Carvalho
Teatro Guairá Comunicação
Teatro José Maria Santos
Telarilha Livraria e Café
Temporal Cafés Especiais
Tijolo CWB
Tumi Café
Universidade Positivo Santos Andrade
UFPR Prédio Histórico
UFPR Reitoria
UTFPR Bloco E
Utopia Tropical Chocolates
Veg e Veg
Vicafé
Viva la Vegan
Waamo Bar
WOZ DO IGUAÇU
Consciência Café
Europa Bar Livraria Kunda
GUARAPUAVA
A Página Livraria
Gato Preto Discos e Livros
GUARATUBA
Odara Cafés Especiais
LONDRINA
Kings Café & Bar Londrina
Nosso Sebo
Olga A Livraria da Cidade
MARINGÁ
Kings Café & Bar Maringá
The Kingdom
MORRETES
Meu Pé de Serra Café
Solar de Morretes Hospedaria
Casa 1915 Pousada
PATO BRANCO
Alexandria Livraria e Cafeteria
PINHAIS
Café com Lente Jardins
Estação Curitiba Café
PONTA GROSSA
Cripto Cultural
Phono Pub
Sebo Espaço Cultural 1
Sebo Espaço Cultural 2
Verbo Livraria
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS
Sebo da Visconde

Pernambuco

PETROLINA
Café de Bule
RECIFE
Borsoi Café
Café Celeste Casa Mendez
Livraria da Praça Livraria do Jardim
Livraria Pó de Estrelas
Releitura
GRAVATÁ
Casa Mendez

Piauí

TERESINA
Café Quatro Estações

Rio de Janeiro

BÚZIOS
Maria Maria Café
CABO FRIO
Sebo do Lanati
DUQUE DE CAXIAS
Tecendo uma Rede de Leitura
MACAÉ
Manifesto Café
MediaLuna Café
MoaCoa Café
Nex House
O Pensador Bar
Obrigado Pelos Transtornos
Oba Sebo e Livraria
Ópera Arte
Ópera Garden Café
Ostra Bêbada
Pão Prosa
Padaria América
Pango Café & Bar
Páprica Vegan
Passeio Café e Arte
Pátio Café
Provence Boulangerie
Purple Reis
Rango de Planta
ROS Coffee, Wine & Cocktails
Rituais Casa de Café
Sala Café Living
Santa Cruz Centro Universitário
Savarin Music
Sebinho FATO Agenda
Sebo Kapricho Marechal
Sebo Releituras Centro
Sebo Releituras Portão
Sebo Santos
SESC Paço da Liberdade
Space Cat
Solar do Barão
Supernova Coffee Roasters
Tangerina Café
Teatro Enio Carvalho
Teatro Guairá Comunicação
Teatro José Maria Santos
Telarilha Livraria e Café
Temporal Cafés Especiais
Tijolo CWB
Tumi Café
Universidade Positivo Santos Andrade
UFPR Prédio Histórico
UFPR Reitoria
UTFPR Bloco E
Utopia Tropical Chocolates
Veg e Veg
Vicafé
Viva la Vegan
Waamo Bar
WOZ DO IGUAÇU
Consciência Café
Europa Bar Livraria Kunda
GUARAPUAVA
A Página Livraria
Gato Preto Discos e Livros
GUARATUBA
Odara Cafés Especiais
LONDRINA
Kings Café & Bar Londrina
Nosso Sebo
Olga A Livraria da Cidade
MARINGÁ
Kings Café & Bar Maringá
The Kingdom
MORRETES
Meu Pé de Serra Café
Solar de Morretes Hospedaria
Casa 1915 Pousada
PATO BRANCO
Alexandria Livraria e Cafeteria
PINHAIS
Café com Lente Jardins
Estação Curitiba Café
PONTA GROSSA
Cripto Cultural
Phono Pub
Sebo Espaço Cultural 1
Sebo Espaço Cultural 2
Verbo Livraria
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS
Sebo da Visconde

Tecendo uma Rede de Leitura
MACAÉ
Manifesto Café
MediaLuna Café
MoaCoa Café
Nex House
O Pensador Bar
Obrigado Pelos Transtornos
Oba Sebo e Livraria
Ópera Arte
Ópera Garden Café
Ostra Bêbada
Pão Prosa
Padaria América
Pango Café & Bar
Páprica Vegan
Passeio Café e Arte
Pátio Café
Provence Boulangerie
Purple Reis
Rango de Planta
ROS Coffee, Wine & Cocktails
Rituais Casa de Café
Sala Café Living
Santa Cruz Centro Universitário
Savarin Music
Sebinho FATO Agenda
Sebo Kapricho Marechal
Sebo Releituras Centro
Sebo Releituras Portão
Sebo Santos
SESC Paço da Liberdade
Space Cat
Solar do Barão
Supernova Coffee Roasters
Tangerina Café
Teatro Enio Carvalho
Teatro Guairá Comunicação
Teatro José Maria Santos
Telarilha Livraria e Café
Temporal Cafés Especiais
Tijolo CWB
Tumi Café
Universidade Positivo Santos Andrade
UFPR Prédio Histórico
UFPR Reitoria
UTFPR Bloco E
Utopia Tropical Chocolates
Veg e Veg
Vicafé
Viva la Vegan
Waamo Bar
WOZ DO IGUAÇU
Consciência Café
Europa Bar Livraria Kunda
GUARAPUAVA
A Página Livraria
Gato Preto Discos e Livros
GUARATUBA
Odara Cafés Especiais
LONDRINA
Kings Café & Bar Londrina
Nosso Sebo
Olga A Livraria da Cidade
MARINGÁ
Kings Café & Bar Maringá
The Kingdom
MORRETES
Meu Pé de Serra Café
Solar de Morretes Hospedaria
Casa 1915 Pousada
PATO BRANCO
Alexandria Livraria e Cafeteria
PINHAIS
Café com Lente Jardins
Estação Curitiba Café
PONTA GROSSA
Cripto Cultural
Phono Pub
Sebo Espaço Cultural 1
Sebo Espaço Cultural 2
Verbo Livraria
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS
Sebo da Visconde

Rio Grande do Norte
NATAL
Sebo Cata Livros
Sebo Rio Branco
PARNAMIRIM
Kave Casa Literária

Rio Grande do Sul

BENTO GONÇALVES
Dom Quixote Livraria e Cafeteria
Paparazzi Livraria
CANELA
Empório Canela
CANOAS
Pandorga Livros
CAPÃO DA CANOA
Livraria Praiamar
CAXIAS DO SUL
Do Arco da Velha Livraria & Café
ERECHIM
Agridoce Livraria e Sebo
GRAMADO
Mania de Ler Bookstore
PORTO ALEGRE
Brasa Editora Livraria e Bar
Café & Galeria Devora
CirKula Editora, Livraria e Café
Livraria Clareira
Livraria Paralelo 30
Macun Livraria e Café
Nerdz
Rede Beabah
Sebo Fulô
Sonda Pop Store
Ventura Livros
Via Sapiens Livraria & Editora
Zine Bar & Livraria
SANTA MARIA
Livraria e Grife UFSM
SANTANA DO LIVRAMENTO
Ponto do Livro
SÃO FRANCISCO DO SUL
Miragem Livraria

Rondônia

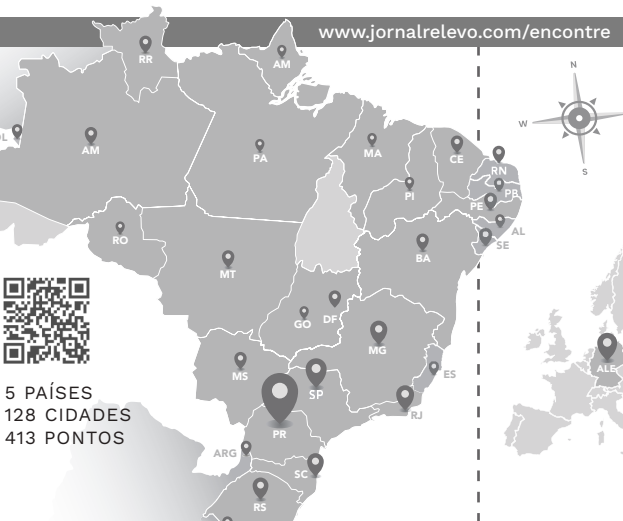
CACOAL
Nostalgia Sebo e Livraria
PORTO VELHO
Sebo Entrelinhas
VILHENA
Dom Quixote Livraria

Roraima

BOA VISTA
Cafeteria Barracão do Poeta
Flying Fox Café

Santa Catarina

BALNEÁRIO CAMBORIÚ
Acaiaí Café ArtHouse BC
BLUMENAU
Rocinante Sebo
CAÇADOR
Livraria Selva Literária
CHAPECÓ
Humana Sebo & Livraria
CRICIÚMA
Sebo Alternativo
FLORIANÓPOLIS



5 PAÍSES
128 CIDADES
413 PONTOS

O Barbeiro e O Poeta
Sebo Ivete
JOINVILLE
Ambiente Arejado
Casa 97
Koda Café Bistrô
Salvador Vegan Café, Livros e Discos
LAGES
Livraria Sebo Marechal
LAGUNA
Livraria Coruja Buraqueira
PORTO UNIÃO
Porto Presentes Papelaria
SÃO BENTO DO SUL
Dom Quixote Livros
TUBARÃO
Consulato Livraria
VALINHOS
Livraria Armazém

São Paulo

AMPARO
Livraria Murad Sebo
ARARAQUARA
Livraria Murad Sebo
BOTUCATU
Sebo Alfarrábio
CAMPOS DO JORDÃO
História sem Fim
CAMPINAS
Café Arte & Cultura
ESTRELOTECA Biblioteca Comunitária
Iluminações Livraria
Livraria Candeeiro
Sabiá Discos
Sebo Porão
Sebo Contracultura
Sebo das Andorinhas
COTIA
Livraria 3x4
DIADEMA
Sebo Campanário
FRANCA
Almanaque Livraria e Sebo
GUARULHOS
Guarulvros
ILHA COMPRIDA
Pousada Canto da Ilha
ITATIBA
Livraria Toque de Letras
ITUPEVA
Livraria e Sebo Pedras Preciosas
JUNDIAÍ
Livraria Leitura
MOGI-MIRIM
Banca do Sardinha
MONTEIRO LOBATO
Livre Livraria
PENÁPOLIS
Arcana Sebo e Taverna
PIRACICABA
Sebo do Formiga
POÁ
Rara Books Livraria
RIBEIRÃO PRETO
A Degustadora de Histórias
Livraria da Travessa Ribeirão
SANTOS
Livraria Sol e Lua
Realejo Livros
SANTO ANTÔNIO DO PINHAL
Livraria Mantiqueira
SÃO BERNARDO DO CAMPO
Mandú Café
SÃO CAETANO DO SUL
Casa das Ideias
SÃO CARLOS
Livraria EDUFSCAR
SÃO JOÃO DA BOA VISTA
Bonnie Book Livraria & Café
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
Livraria Casa Nynho
Livraria do Espaço
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Livraria Mantiqueira
Livraria e Papelaria Amo Ler Oriente
Livraria Planalto
SÃO PAULO
A Banca de Livros
Banca Tatuí
Bar Balcão
Bibla
Boutique dos Livros
Café Colombiano
Café no Jardim 53
Caledônia Whisky & Co
Casa Brasilis
Casa Cosmos
Casa de Livros
Cidade de Papel
Circulo Livraria
Clarice Café & Cozinha
Coffee Lab
Comix Book Shop
Diálogos Embalados e Viagens Pedagógicas
Espaço Sophia
Flanarte Livraria
Instituto Sarath
La Libreria
Livraria Bandolim
Livraria Cabeceira
Livraria Caraibas
Livraria da Tarde
Livraria das Perdizes
Livraria Lovely House
Livraria Na Nuvem
Livraria NoveSete
Livraria Ponta de Lança
Livraria Sebo Tucambira
Livraria Sentimento do Mundo
Livraria Simples
Livraria Tutear
Livraria UNESP
Livraria Zaccara
LiteraSampa - IBEAC
Lop Lop Livros
Mi&Mo Gato Café
Mundos Infinitos
Museu do Livro Esquecido
N'alma Café
Nigra Koro Distro
O Bode Quirino Café e Livraria
O Café da Ponta
Patuá Discos
Patuscada Livraria, Bar & Café
Sabiá Discos
Sebinho da Helô
Sebo Alternativa
Sebo Desculpe A Poeira
Sebo do Messias
Sebo Pura Poesia
Selecta Livros
Sissi Café Boutique
sobinfluência
UGRA PRESS
VINHEDO
Sebo Vinhedo

Sergipe

ARACAJU
Livraria Escariz

Além das fronteiras

ESSEN (ALEMANHA)
Pension Pötters
PUERTO IGUAZÚ (ARGENTINA)
Tao Libreria de Iguazú
LETICIA (COLOMBIA)
CUBO Blanco Galeria de Arte & Café Cultural
RIVERA (URUGUAI)
Eclipsamor Livros

O Imperador do Sorvete

Wallace Stevens
Tradução de Rodrigo Garcia Lopes

Chame o enrolador de charutos,
O musculoso, e mande-o bater
Em copos de cozinha cremes cúpidos,
Que as moças zanzem em roupas
Do dia a dia, e que os moleques
Tragam flores em jornais do mês passado.
Que do parecer só reste o ser.
O único imperador é o imperador do sorvete.

Pegue da cômoda de pinho,
Faltando três puxadores de vidro, o lençol
Que ela bordou com pombos outrora
E estenda-o para cobrir sua cara.
Se seus pés calejados ficarem de fora,
Mostrem quão muda ela está, e gelada.
Deixe a lâmpada brilhar em seu soquete.
O único imperador é o imperador do sorvete.



Wallace Stevens (1879-1955) foi um poeta norte-americano. **Rodrigo Garcia Lopes** (1965) é escritor, jornalista e tradutor. Nasceu em Londrina e mora em Florianópolis.